

A Liberdade é Sagrada


Princípios e Revelações

Marcus Brancaglione

A Liberdade é Sagrada

Marcus Brancaglione

© 2014 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo seu conteúdo está licenciado sob a Licença  RobinRight. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://robinright.org/licenca-1/>

Autor: Marcus Brancaglione

Revisão e organização: Bruna Augusto

Revisão: Pedro Theodoro dos Santos

Capa: Julia Cristofi

Brancaglione, Marcus.

A liberdade é sagrada. Princípios e revelações.
Clube de Autores. São Paulo, 2014.
196 páginas.

Assuntos: 1.Liberdade. 2.Fé. 3.Deus.

Sumário

Sê livre de suas concepções para governar sua concepção.	7
Busque a fé com a razão sem fazer da razão o seu deus.	9
Olhe para além da percepção. A realidade é só a parte evidente da criação.	12
Ame, não idolatre. Deus não é senhor, é Liberdade.	16
Não adore o Poder Supremo, ele é a Besta.	19
Governe-se para não ser governado.	26
Não imponha nem aceite o monopólio sobre a liberdade de comunhão.	30
Não tire o que não pode dar, não faça sombra sobre o sol dos outros.	33
A fé é manifestação da livre vontade como ato. Professe sua vocação em atos.	37

Revelações da Sagrada Liberdade.....	39
Deus	39
Fé	67
Liberdade.....	103
A Liberdade é Sagrada	170

A Liberdade é Sagrada

Marcus Brancaglione

Deus não é senhor, é Liberdade

Princípios da Sagrada Liberdade

Sê livre de suas concepções para governar sua concepção.

1. Torne-se lúcido. Saia da caverna das representações. A realidade não é o espetáculo da percepção.
2. Libertar-se é, antes de tudo, tomar o controle sobre a sua própria concepção. É tornar-se consciente dos fundamentos das suas concepções para reconstruir sua própria visão do mundo.
3. Quem desconhece as concepções com as quais compreende o mundo é prisioneiro, antes de tudo, do arcabouço

- da sua cultura tomada como conhecimento. Desculturalize-se.
4. Aquele que aceita viver adormecido, acomodado, entorpecido, alienado, reduzido e desintegrado não vive é cultivado. Vive a vida dos outros para os outros. Trabalha para os outros. Sonha para outros. Nasce e morre pelos outros. Não é sujeito do seu próprio mundo, mas objeto na representação do mundo alheio.
 5. Livre-se dos preconceitos e representações, se reaproprie do seu livre pensamento e religue-se a dádiva sagrada da concepção do sentido próprio da vida de acordo com sua livre vontade.
 6. Abandonar o mundo das projeções não é abandonar a realidade percebida é livrar-se do culto à imagem para se religar ao plano original da criação. O campo incognoscível onde todos os fenômenos

imprevisíveis, livres e originais são a todo tempo criados.

Busque a fé com a razão sem fazer da razão o seu deus.

1. Entre nos campos da fé de olhos abertos. Fé é a dúvida que constrói a consciência dos limites da percepção e das origens da concepção.
2. Não tenha medo de cruzar as fronteiras dos campos de concentração do saber. Não tenha medo de invadir com sua fé os dogmas dos saberes das ciências e religiões nem de romper, com seu livre pensamento, o fanatismo cego dos crentes da razão e da fé.
3. Abandone seus preconceitos e religue sua razão á fé, e a fé ás suas razões.

4. Pior do que os muros e fronteiras que apartam os povos e pessoas são os campos de concentração do pensamento que segregam o ser de si mesmo, são as cercas e vigias que desintegram a humanidade e impedem o livre pensamento de ir e vir.
5. Pior do que apartheids entre os povos é a segregação do conhecimento e desinformação que desligam o espírito do seu princípio criativo e criador privando as pessoas do direito sagrado de dar um significado próprio e conexo para suas vidas.
6. Não é só o diabo que divide para conquistar. Nós que nascemos em cativeiro fomos cultivados a discriminar e segregar e estamos apartados não só uns dos outros, mas de nossa

autodeterminação e autoconcepção privados de nossa livre vontade.

7. Poder não é o controle sobre as coisas, mas o controle para ditar quem são as pessoas e quem são as coisas; e quem são os sujeitos e os objetos. Escravidão é a privação da livre vontade alheia pela força da necessidade. Poder é a negação da consciência do alienado sobre seu estado de escravidão. Poder é o controle dos alienados. Não submeta ninguém a objeto de emprego nem se torne dependente e senhor de inconscientes coletivos.
8. Livre-se dos preconceitos, quebre as correntes da supremacia e dos supremacistas, saia do lugar comum para conhecer a origem das concepções. Saia da caverna da segregação para encontrar os campos da consciência. Liberte-se.

Olhe para além da percepção. A realidade é só a parte evidente da criação.

1. A prisão do espetáculo da realidade é sempre uma farsa, mas a realidade não é uma ilusão. O mundo da percepção não é o único universo possível e nem sequer é a totalidade da existência.
2. A realidade percebida não é absoluta e nem total. Para além da percepção há o campo incognoscível dos princípios geradores dos fenômenos sem causa e consequência aparente ou pré-determinada.
3. Para além do evidente há o plano do inconcebível, a realidade de onde advêm os princípios geradores das forças

- fundamentais, que não podem ser tomados como objeto de observação.
4. Do plano intangível advém a essência daquilo que não pode ser morto, cessado, reduzido ou tomado como objeto de posse, observação ou pré-determinação; a alma libertária e inalienável de todo ser autônomo, a livre vontade.
 5. O plano espiritual é o real incognoscível. O plano metafísico onde se origina perpetuamente seres e fenômenos capazes de construir seu destino não determinado por causas e consequências, mas por sua força própria não só imprevisível e fundamental, mas livre para criar realidades diversas.
 6. O acaso, o impossível, o vazio são apenas nomes reconfortantes para o que está além da compreensão. O que existe sem nenhuma causa possível é, simplesmente,

- o inconcebido que nasce perante não só a visão de mundo pré-estabelecida, mas dentro da ordem física pré-existente.
7. A criação, o universo é feito de entes e fenômenos auto-organizados não pela ordem pré-determinada do que já existe, mas pela força de vontade de tudo que a imagem e semelhança do seu princípio criador são capazes de se constituir com autonomia.
 8. O milagre da criação se manifesta na auto-organização do universo a partir de forças fundamentais não só pré-existentes, mas de forças independentes geradas pela vontade pura de existir, o princípio criador, a Liberdade.
 9. O universo não foi criado em nenhum tempo ou espaço. Não carece de comando ou supremacia nem externa e nem intrínseca. O universo é o próprio

momento permanente da criação e cada ser a manifestação renovada do milagre da existência.

10. A criação é perfeita não porque é finita ou autogerada, mas porque é aberta e dinâmica, porque está em constante auto-organização, não encerrado em sua própria forma, ou passado; o universo é perfeito porque é livre em princípio e sentido para permanecer eternamente como criação.
11. E quem puder entender que entenda, a criação é perfeita não apenas porque podemos criar diferentes futuros não pré-determinados, mas diversos novos passados pelo poder da criação do presente.

Ame, não idolatre. Deus não é senhor, é Liberdade.

1. Deus não é senhor de escravos, feito a imagem do poder ou de todo poderoso, é o caminho da consciência e libertação, Deus é a liberdade.
2. Não idolatre nenhum poder supremo nem os poderosos porque deus não são submissão e alienação, Deus é o princípio criador da livre vontade.
3. Deus é conhecimento é conhecimento não é poder é liberdade.
4. Deus é a vontade pura geradora de todos os fenômenos dotados de força própria. É o princípio criador e criativo de todas as criaturas autônomas dotadas de livre vontade.

5. Deus é o princípio da criação, libertação e comunhão. É o princípio e o sentido de toda existência que não se produz nem reproduz como força de vontade absoluta, mas por imagem e semelhança ao seu criador é livre para determinar seu próprio destino.
6. Deus é o princípio imanente e transcendente de todo ser que não é meramente objeto da abstração de causas e consequências, mas ente autônomo dotado da capacidade de mudar o sentido e a forma da existência dada.
7. Da reflexão sobre os limites do nosso próprio conhecimento e da origem dos nossos preconceitos nasce à luz sobre a nossa origem, a essência e o sentido da vida, Deus; a alma; e a liberdade. E aquele que toma consciência da livre vontade religa-se ao seu princípio criador

e seu sentido existencial, Vontade Pura como Liberdade, Deus.

8. A matéria é só a parte visível da existência. A matéria não é origem do espírito, mas é o espírito o princípio gerador da matéria. E assim como o corpo é a própria encarnação da livre vontade, o espiritual é sua realidade intangível.
9. A existência não é a mera reprodução da ordem pré-existente, mas a geração do novo a partir da negação da ordem pré-estabelecida pela afirmação do impossível como sentido próprio para a vida.
10. O universo é a diversidade que se manifesta a partir do aparente vazio absoluto em permanente movimento de criação. E a existência a perpétua negação não só do vazio do mesmo, mas da insignificância da totalidade pelo

fenômeno da emancipação, a manifestação da livre vontade no mundo como identidade própria e conexa.

Não adore o Poder Supremo, ele é a Besta.

1. Não idolatre o poder total nem as deidades dos todos poderosos, eles não são deus, mas a besta.
2. Nenhuma entidade, nenhum poder supremo ou total, jamais poderá encerrar em seu corpo ou mito, todo o princípio da criação. Nenhum corpo ou concepção pode conter a vontade pura. Deus não pode ser compreendido, preconcebido ou representado por nenhuma prepotência ou supremacia.

3. Deus não é a representação absoluta do poder e da prepotência. Deus é o princípio transcendente e imanente do toda força fundamental ente e fenômeno e não nenhum deles ou sua totalidade.
4. Deus não é o conjunto de todas as coisas, está em tudo, em todos e além. Nenhum sujeito ou predicado jamais manifestará o próprio verbo. Propagar a paz e livre vontade como servidão e violência é corromper a sagrada liberdade em poder à própria perversão.
5. Deus não é senhor de alienados, escravos ou opressores, mas seu libertador.
6. A igreja de Deus não é uma egrégora de mortos-vivos, de fanáticos não é a encarnação do mal, não é o corpo perverso e perversor da ordem em submissão, mas a ordem natural que emerge da própria liberdade como

realidade auto-organizada pela rede de forças próprias conexas.

7. A igreja da Liberdade não é o monopólio sobre a fé ou prepotência da verdade absoluta, mas a fé na liberdade de consciência, identidade e comunhão.
8. A igreja libertária é a fé que reconhece toda manifestação da consciência contra violência como a sua, inclusive aquelas que em paz criticam a própria fé e a liberdade. A diversidade e o questionamento são a mãe da lucidez.
9. A igreja de Deus não é feita de crentes, inquisidores, de pessoas como desejo de impor, mas de pessoas que se dispõem a libertar-se e libertar não só o próximo ou o semelhante, mas ao estranho e distante. Universalize-se.
10. A igreja da comunhão entre pessoas que mesmo não estando livres de

dominadores, ou livres do desejo de poder, anseiam em se livrar da compulsão por poder e condicionamento à servidão. Libertar-se da egrégora.

11. A paz de Deus não é o monopólio da violência sobre os bem e valores de todos, mas a garantia mútua do necessário para todos não pela imposição, mas pela disposição aberta e universal, sem segregação e nem discriminação do que não deveria faltar a ninguém.
12. O verdadeiro Deus nunca pedirá o seu sacrifício ou o dos seus filhos em seu nome. O verdadeiro Deus não demanda tributos nem dízimos, nem muito menos o sangue e o suor de ninguém. Não demanda que ninguém mate ou morra em seu nome ou se mate trabalhando servilmente.

13. Quem quer a morte, a servidão e a desapropriação são os sacerdotes dos cultos, dos estados de poder total, religiosos e laicos, que discriminam e segregam as pessoas e apartam os povos pela prepotência de supremacia e verdade.
14. São os todos poderosos com seus mitos e deidades corporificados, suas legiões de inconscientes coletivizados são os idólatras do poder com suas culturas de pobreza e ignorância que plantam os monopólios da violência e fanatismo para colher trabalho servil e alienação.
15. Não cultue o absoluto e nem idolatre o poder. Ame a Liberdade. Jamais renuncie ao seu livre pensamento ou autopreservação em favor de corporações, estados ou cultos de violência, privação ou verdade absoluta.

16. Não pertença a nenhum corpo artificial, a nenhuma máquina ou aparelho principalmente àquelas que são feitas de engrenagens visíveis. Não se desindividualize nem se dessocialize. A associação que demanda que você pertença a ela, preste serviços e tributos contra a sua vontade, não é sociedade é a perversão da solidariedade, é corporação.
17. Não sirva a pai de todas as pessoas artificiais e autômatos, não se entregue ao poder Central das quais as outras corporações são apenas tentáculos. Os impérios que detêm o controle da informação e comunhão pelo monopólio da violência e privação dos meios necessários à subsistência são a própria corporificação do mal, o leviatã.
18. Diga em quem você acredita, diga quem você obedece e te direi quem é teu deus,

ainda que você não reconheça deuses ou fé. Quem idolatra a encarnação do poder supremo e seus signos; e quem empresta sua vontade própria ao corpo artificial do monopólio da violência e privação contra as pessoas e liberdades naturais serve á própria besta travestida de deus.

19. Não só renuncie a agressão, não tolere os violentos nem os estados de privação, pobreza e monopólio da violência. Se oponha a toda forma de violência e, acima de todo, se oponha à violência, a organizada e sistematizada, que se julga absoluta e se proclama legítima.
20. Não sacrifique sua vida, propriedade, trabalho e nem renúncia a seu direito de autopreservação perante nenhum culto religioso ou laico. Não se submeta, nem pratique os rituais dos supremacistas e nem cultue suas deidades. Não empreste

sua força de vontade à encarnação das potencias do mal, não dê o corpo para o culto de supremacia da violência.

Governe-se para não ser governado.

1. Determine você mesmo à extensão da sua livre vontade em paz, comunhão com os entes dotados da mesma vontade própria e respeitos aos fenômenos dotados da mesma força própria.
2. Os limites dão forma à existência e é pelo autocontrole, pela criação que a liberdade se manifesta. Não é a liberdade é o poder, que se sustenta pela violação, destruição e propaganda, vendendo sua realidade pervertida, o bem como mal e o mal como bem.

3. O poder que se sustenta vendendo a distopia artificial como o único mundo possível e a realidade natural como utopia. Não sonhe com a liberdade, se negue a afundar no pesadelo da realidade artificial da representação. Liberte-se.
4. O ser livre não se manifesta subtraindo a livre vontade do outro, mas afirmando a sua liberdade diretamente em conexão com todos os demais. Não há liberdade plena sem consciência, nem liberdade real sem comunhão em um mundo livre. Faça de suas relações conexões libertárias e não barreiras de poder contra a livre comunhão.
5. A Liberdade é afirmação da autoridade legítima de cada ser dotado de livre vontade sobre si mesmo em comunhão. É a rede de relações que protegem mutuamente a vida dos libertos para que

tenha tempo e espaço para exercer sua livre vontade.

6. A liberdade não é a ausência de limites ou o desgoverno, mas a soberania sobre o próprio destino em comunhão com as pessoas dotadas da mesma livre vontade. Governo legítimo não pela submissão a nenhum poder supremo, mas pela isonomia de poder entre todos dotados de igual autoridade sobre sua vida e bem comum.
7. Liberdade é a autodeterminação não apenas dos povos, mas de cada ser humano sobre seu destino particular e comum. Liberdade que não é de papel, mas o estado de segurança, a certeza de que se têm as condições materiais necessárias para sustentar sua própria vida pelo livre acesso à informação,

comunhão e aos meios naturais vitais a subsistência de todos.

8. Liberdade é a garantia de igualdade para exercer a livre vontade; e igualdade à garantia da liberdade fundamental como meios básicos para a expressão da livre vontade de cada um em comunhão com os demais. Igualdade que não é feita de posses iguais, mas do acesso aos meios vitais para que ninguém seja, jamais, obrigado a se submeter ao outro contra a sua vontade.
9. Liberdade não é isolamento, mas comunhão contra a violência e privação, não só eventual ou de indivíduos, mas sistematizada dos estados, culturas e legiões. É a paz para se relacionar com outras pessoas e a natureza. Paz não meramente passiva ou reativa feita só de renúncia á violência ou de desobediência,

mas criada pela rede preventiva de proteção das liberdades fundamentais como propriedades e rendimentos básicos garantidos para todos.

Não imponha nem aceite o monopólio sobre a liberdade de comunhão.

1. Liberdade é o governo do homem sobre si e o bem comum em igualdade de autoridade sem intermediários. Não renuncie ao seu poder de decisão ou comunhão com o outro e a natureza, nem subtraia esse direito sagrado e natural de ninguém.
2. Todo ser humano tem direito natural à liberdade de associação e dissociação pacífica ao mesmo tempo e no espaço. E deve haver tantos governos numa mesma

terra quanto forem diversas a fé política das associações e sociedades.

3. Nenhum grupo político, assim como, nenhum grupo religioso ou econômico tem direito de, pela força, impor seus valores e verdades e nem de monopolizar todos os bens comuns do território, como seus contra os demais.
4. Ninguém pode ser obrigado a se submeter a um governo ou à sua ausência, ou a permanecer sobre um mesmo e único regime absoluto apenas porque vive num mesmo lugar ou porque está privado do acesso livre e pacífico aos meios da sua subsistência.
5. Governo não é a imposição de poderes e serviços a serem comprados ou prestados, mas a liberdade para que sejam estabelecidos tantos serviços públicos quantos forem as vontades e necessidades

diversas e difusas dentro do mesmo tempo e espaço. Governo é a soberania de cada pessoa para estabelecer qual sistema de governo quer fazer parte e quais serviços públicos querem a qualquer tempo usar. É a autodeterminação para estabelecer e pertencer a tantas sociedades quantas for capaz de sustentar e ser responsável.

6. Livre-se das regras pré-estabelecidas para criar as suas próprias regras e sociedades. Liberdade não é ausência de deveres é a ausência de obrigações preconcebidas e privilégios concedidos por poderes supremos. É o estado libertário de garantia de direitos e deveres naturais e fundamentais como compromisso mútuo e voluntário de pessoas iguais em autoridade de fato, iguais em liberdade

fundamentais, meios vitais, acesso à informação e direito à livre associação.

7. Governar-se é assumir como adulto a responsabilidade pela garantia do direito à liberdade como o estado de paz para todos. Emancipe-se.

Não tire o que não pode dar, não faça sombra sobre o sol dos outros.

1. Ninguém pode fazer tudo o que quer, mas ninguém deve ser obrigado a fazer o que outros querem para poder viver. Ser livre é ter como viver sem ter que se vender ou comprar sua sobrevivência.
2. Toda pessoa tem direito às propriedades e recursos básicos não apenas para viver, mas para exercer a sua liberdade fundamental, viver em sociedade sem se

- submeter a ninguém contra a sua vontade.
3. Trabalhar todos tem, mas não para os outros. Todos têm o mesmo direito de tirar da terra e da natureza o seu sustento. Ninguém pode roubar a propriedade de outro, mas também não pode obrigar que as pessoas, pela violência e privação, que se submetam a contrato social contra seus interesses.
 4. Trabalho forçado por necessidade é trabalho servil. Escravidão disfarçada.
 5. A Propriedade pacífica e natural é um direito inalienável, mas a propriedade tomada e mantida pela privação e violência ainda que dita legítima, é roubo.
 6. Uma propriedade ou território só é legítimo se for estabelecido sem violência, coerção, segregação ou privação. Propriedade não são concessões estatais

ou imposições de impérios da violência, são posses negociadas e reconhecidas pacificamente por sociedades, pessoas que protegem mutuamente a extensão de suas posses particulares e comuns e estabelecem o valor das coisas conforme a negociação das vontades e não por imposição da força contra os destituídos.

7. Não negocie nem aceite que se tire vantagem de quem sem ter como se sustentar, não tem meios para decidir livremente o que fazer com vida e propriedades. Não seja conivente com nenhum tipo de alienação ou trabalho servil.
8. Não financie quem usa pessoas em serviços, inclusive com alto risco de morte, porque elas não têm sequer como sobreviver. Não sirva nem financie a pobreza, a marginalização e a guerra.

9. Não cobre dízimos ou tributos. Nem aceite nenhuma contribuição ou serviço que não seja voluntário. Não seja baixo, não tire vantagem da vulnerabilidade do outro.
10. Todo ser humano deve ser livre para escolher pacificamente as suas sociedades. Não tome parte de estados e sociedades que se arrogam o direito de forçar, pela ameaça da violência e privação, a participação das pessoas.
11. Sociedades e propriedades só são legítimas pelo reconhecimento mútuo pacífico e não pela imposição tirânica de monopólios da violência e privação do bem comum.
12. Os serviços e bens, particulares e públicos, devem ser providos pela livre iniciativa e concorrência sem a privação de nenhum monopólio e reguladas por tantas sociedades quantas as disposições das

peças de exercerem seu direito de não tomarem parte de uma ação.

A fé é manifestação da livre vontade como ato. Professe sua vocação em atos.

1. Liberdade só existe em comunhão, em rede. Sozinhos não estão livres, mas isolados. Dê um sentido compartilhado e livre para a sua vida com suas ações repletas de significado.
2. Profissão não é emprego e nem doutrina, é vocação. Professe sua fé libertária pela garantia da livre vontade e vocação para todos. O poder supremo é feito, antes de tudo, dos que não têm como se livrar da egrégora, dos que não têm meios para

exercerem à sua livre vontade e liberdade de associação. Busque garantir a todos as condições necessárias para que ninguém seja obrigado a se submeter a nenhum poder contra à sua vontade, a renunciar a sua vocação por não ter o necessário para viver, ou dar destino à sua vida.

3. Nossa liberdade se constrói na distribuição igual de autoridade entre todos os seres humanos de tal modo que a egrégora do poder, que devora a diversidade e a humanidade, não tem mais territórios onde propagar a sua cultura de rarificação e rituais de violação.
4. Garanta sem discriminação, segregação ou imposição o acesso ao bem comum e aos meios vitais para todos. Garanta mútua e abertamente o rendimento básico para quem queira possa professar sua fé,

seguir sua vocação e se governar de acordo com sua consciência e comunhão.

Garantir a liberdade para todos é opor-se ao poder total. É ligar-se a Deus em ato. Palavras são vazias sem o ato. E os atos são a consumação da concepção. Cosmopolize-se.

Revelações da Sagrada Liberdade

Deus

Assim como o conjunto de todas as coisas não é tudo, a negação de tudo não é o nada. A visão do todo como tudo aquilo que existe e não existe, a concepção do conhecimento como a separação do possível e do impossível são rigorosamente abstrações mentais.

O conhecimento é composto não apenas daquilo que se afirma e se nega, mas antes de tudo daquilo que se ignora. A abstração é a base de toda percepção, e a realidade concebida se torna uma ilusão se pensada como idêntica a existência.

A percepção é o arcabouço da própria concepção se tomada pelo real absoluto. E o entendimento que supõe poder encerrar toda existência em sua compreensão, se fecha para a diversidade e se desintegra reduzido a preconcepção prepotente da materialidade como o único tempo e espaço da realidade.

A redução da existência ao estado real não apenas ignora os fenômenos transcendentais, mas nega qualquer possibilidade de transcendência dos lugares comuns. E a concepção da realidade como a abstração material é uma ilusão que leva a alienação.

A realidade materialista é a ilusão do ego que toma os limites da sua própria compreensão não só como totalidade do conhecimento, mas como ordem universal. É o ato de incompreensão que atribui irreabilidade ao invisível, aleatoriedade ao indeterminado, e impossibilidade para qualquer mundo além do predeterminado.

O entendimento não é o afã de apropriação dos fenômenos como objetos por um sujeito. Não é o domínio sobre seres reduzidos a preconcepção materialista da realidade, mas a compreensão conexa da coexistência.

O materialismo-realista mais do que a prepotência da preconcepção, é a própria inconsciência tomada por conhecimento. É a impostura alienista como estado real e o banimento da liberdade de concepção à utopia.

A representação do real não é apenas a paralização da evolução para a delimitação das fronteiras da percepção normal, é a anulação das forças revolucionárias para a projeção do absoluto como realidade. É a distopia tomada como a imagem do mundo pela negação da auto-significação das formas de existência.

A representação do real é incapaz de apontar para o universo sem perdê-lo, de nominar complexos dinâmicos sem decair em nulidades. Vácuo, acaso, aleatoriedade, coincidências são nomes que rigorosamente não assinalam coisa nenhuma, apontam não para o vazio das coisas, mas para a própria insignificância dos signos- espelhos da incapacidade reducionista em dar sentido às coisas como abstrações.

O materialismo-realista mesmo quando reconhece a autodeterminação dos entes e

fenômenos dotados de força própria não tem capacidade para superar a circularidade que delimitada a sua coerência interna, nem pretende reconhecer nenhum princípio capaz de dar sentido à existência; sendo simplesmente incapaz de conceber o novo ou compreender a evolução e a suas revoluções sem recorrer a acasos e coincidências.

A auto-organização decai em predeterminismo quando se fecha na materialidade. Porque ao renegar os princípios transcendentais é obrigada a reduzir o princípio do fenômeno da evolução a mera aleatoriedade, como se o acaso pudesse dar nexos a negação de sentido. Como se a mera substantivação da falta de nexos como realidade, pudesse dar alguma explicação para uma ideia de existência sem nenhum princípio ou sentido.

O materialista é obrigado de tal modo a apelar a substantivação das nulidades para não decair

no próprio criacionismo que tanto teme; para não se remeter a origem de tudo a partir do nada, ou melhor, do que ele só entende como nada; para justificar sua negação de qualquer nexo geracional indeterminado ou incognoscível para além de um universo completamente autogerado no plano material, que é obrigado a propor como explicação para a imprevisibilidade da geração dos fenômenos a própria inexistência de causas geradoras da sua existência, só que disfarçando este absurdo com outro nome, em vez de nada, acaso. Em outras palavras, explica a origem de tudo que não é capaz de explicar, renomeando a própria ausência de explicação a abstração como realidade: acaso. Ou seja, literalmente, nomeia a projeção da sua ignorância prepotente com uma força do seu universo.

O materialismo tenta sustentar sua redundância preenchendo o vácuo da ignorância da indeterminação, da insignificância da aleatoriedade, e negação da livre e espontânea autodeterminação existencial com o vazio da própria falta de nexos projetando a falta de sentido da sua desinteligência à própria existência. O materialismo realista é a racionalização da própria falta de razão.

Todo sistema predeterminista é a visão da superficialidade; a previsão do ordinário; a reprodução do mesmo. Não importa se o aparente esteja predeterminado pela ideia de ordem ou caos, de autonomia ou universalidade; o aparente não contém o nexo da ordem emergente, e a sua afirmação total é tanto a negação do novo quanto a incompreensão da concepção. O código da vida e liberdade, da evolução e revolução, não

está contido nos corpos materiais, nem em suas relações, o código se manifesta no plano material; e o transcendente não é qualidade, mas a origem.

Nenhuma estrutura mesmo autônoma pode conter seus próprios princípios, porque os princípios não são objetos de apropriação, mas de abstração; não são propriedades, mas movimento constituinte do espaço e tempo para a materialização. O que está dado nunca é a totalidade, nem a definitude das formas de existência, porque o princípio não está no passado, nem o sentido vai em direção apenas do futuro. Não são os eventos passados nem a projeção do futuro que dão forma a atualidade, mas a interação atemporal das forças libertárias manifestas nos atos difusores de novos tempos e espaços. Realidades tão múltiplas e diversas quanto à autodeterminação das forças

próprias que dão forma autônoma as existências.

Se o fenômeno da autonomia e livre vontade estivessem fechado à materialidade não seria espontâneo e indeterminado, mas no máximo incerto e imprevisível. O predeterminismo, ao negar as concepções que não seguem a ordem atual, ignora os princípios que vão além da ditadura da percepção preconcebida como realidade; ao negar a livre vontade manifesta como fenômeno espontâneo e instantâneo perde o sentido da existência independente que não se encontra na representação superficial da materialidade circunstancial. E como horizonte de eventos, se fecha e se perde completamente do princípio gerador das causas e consequências da complexidade criativa percebida meramente como dissimetria e entropia.

Todo fenômeno libertário que não pode ser abstraído e reduzido à atualidade vista como estado real e absoluto, é simplesmente irreconhecido e seu princípio renegado. A autodeterminação instantânea e a organização espontânea que não advém da própria ordem preestabelecida, nem está completamente submetida a ela, mas que nela interfere com sua alteralidade, será sempre renegada pelos sistemas de domínio sobre o tempo e o espaço alheio porque os monopólios abominam tanto a razão que não pode ser encadeada em raciocínios, quanto o livre pensamento que não pode ser encerrado em racionalizações. Recrimina tanto o livre pensamento que não pode desinteligir quanto renega os espíritos libertários que não pode alienar.

É preciso fé e coragem para sair dos campos de concentração da concepção e adentrar

no plano da consciência de olhos abertos; para olhar o mundo como as lentes da razão e conhecer a origem das concepções. Fé é a libertação pela luz da consciência. É a consciência de que o mundo conhecido é antes de tudo a libertação da lucidez.

Há percepções que são meramente projeções inteligíveis da vontade, mas há vontades cuja projeção se faz tangível independente das outras vontades intelectivas. Corpos naturais que não são produto da materialidade ou do plano da percepção, mas forças fundamentais imanentes à percepção não como a matéria que geram, mas como sua anima e movimento. Entes e fenômeno dotado de força própria não redundante as causas materiais.

A materialidade é apenas a parte perceptível do logos, do nexa que dá princípio e sentido a concepção não como abstração da mente,

mas como princípio existencial da criação. As forças fundamentais do universo não são apenas auto-organizadas, mas são altamente criativas, libertárias e espontâneas. E sua imprevisibilidade não é apenas sinal de indeterminação, mas autodeterminação, a força própria e independente de determina um destino entre infinitas possibilidades de outros.

A ordem não é aquilo que se repete, a ordem é o complexo integrado dos nexos difusos. A ordem não está nas estruturas, mas no sistema formado pela rede dinâmica de conexões entre entes e fenômenos dotados de forças dotadas de autodeterminação, isto é, com princípio e sentido próprio e compartilhado obviamente no mesmo espaço-tempo das coexistências, mas ligados além em sua origem no plano metafísico em sua origem pelo mesmo princípio criador que não

é uno, mas diverso em sua própria integralidade, não é *cratos*, mas *liber*, a essência possibilitadora da manifestação do *logos*, do conhecimento da ordem.

Ordem não é redução do complexo. Não é força constritora dos mundo possíveis, mas libertação. Organização não é previsibilidade, é a emergência do novo. Criação. É a própria afirmação da ordem criadora e libertária da existência. A ordem que forma a diversidade do universo e dos multiversos não é apenas auto-organizada é reiteradamente criativa e permanentemente criadora. A manifestação espontânea da liberdade em comunhão. Ordem criativa que não tende a permanecer na mesma forma, mas a compor autônoma e quanticamente as infinitas formas de existência a partir do princípio criador, libertário e transcendental, a vontade pura, Liberdade.

A liberdade como livre vontade não é um fenômeno material, mas uma força fundamental intangível que não se extingue com o corpo, mas constitui os corpos do mundo como a própria encarnação da anima libertária. E o mundo, o complexo dos destinos realizados, não define nem finda de nenhuma forma o destino de nenhuma existência, mas ao abrir não importa por quanto tempo e espaço as suas portas as novas existências, as realiza em sua conexão. As forças passadas e atuais não são determinantes do destino das vindouras, são as relações componentes do tempo e o espaço das livres vontades que compõe a rede do seu mundo material.

Livres vontades existem independentemente da matéria, mas enquanto matéria são o produto das suas interações. E se a livre vontade depende da rede do mundo para se

realizar, é exatamente por esta mesma razão que o mundo depende das relações entre as forças de vontade libertárias para se tornar real. E assim como o mundo participa da formação de cada existência, é também constituído por cada forma de existência capaz de realizá-lo e precisa da realização de cada forma existencial para se compor em toda a potência da multiplicidade e diversidade. O mundo físico é apenas uma parte atual do metafísico, e o universo apenas uma das versões do mundo, e haverá tantos mundos quantas forem às redes formadas pelas livres vontades integradas em comunhão.

A matéria incognoscível não é apenas desconhecida, mas impossível de ser conhecida ou percebida sem ser reduzida a uma concepção de coisa existente ou inexistente dentro de uma determinada

compreensão. A matéria incognoscível pertence à metafísica que não é um campo da fé, mas de consciência que o mundo físico não é meramente a projeção mental da realidade construída a partir da preconcepções perceptivas. Assim como a preconcepção não pode construir ou destruir o mundo, mas só ignorar e abstrair ideias também não pode determinar que aquilo que é incapaz de perceber seja uma ficção, principalmente quando as consequências do imperceptível atuam no mundo físico como forças fundamentais.

A livre vontade sem ação ou não-ação não passa de imaginação, mas o ato livre e espontâneo é a manifestação da liberdade não como abstração, mas como fenômeno da própria força fundamental libertária que materializa o espírito criativo e criador. Existência. Tudo que a mente pode fazer é

negar o imperceptível concebendo o impercepto como nada e o inconcepto como impossível; impondo como fictícia toda concepção que mesmo tendo correspondência com a atualidade como nexos e incerteza, não tem como materialidade e predeterminação.

Tudo que a mente pode fazer é tomar a nulidade da repetição dos mesmos padrões por ordem, e a ordem criativa por caos e inexistência. Tudo que a mente pode fazer é tomar o poder da destruição no lugar da liberdade de criação como sua fé. A mente não pode destruir seu princípio original, mas pode em suas abstrações perder-se dele. Da mesma forma que pelo caminho contrário pode se religar ao criador pela reflexão.

Podemos pela fé na liberdade de concepção chegar à consciência do bem e do mal, questionando as preconcepções até as origens tanto dos mitos e monstros artificiais quanto

dos princípios fundamentais da criação e natureza. Podemos, não pelo fanatismo e certezas estagnantes, mas ao contrário pelo movimento da fé no questionamento, pela verdadeira humildade da constante dúvida e incerteza, chegar sempre a novos conhecimentos, sobretudo de nossas atuais limitações e concepções. Podemos conhecer tanto a origem dos mitos de poder e supremacia que se impõem como reais pela crença e medo, quanto desvendar os princípios criadores que compõem a existência de todo fenômeno que não é produto da mera repetição dos padrões, mas a manifestação da própria ordem libertária.

Não existe revelação sem questionamento e a fé só nasce da descrença e incerteza sincera quanto à existência e seus princípios e sentidos. A fé só nasce da libertação da consciência dos preconceitos. Da libertação

da significação da vida dos panópticos dos superegos. É pela razão crítica que a consciência encontra a liberdade; é pela crítica da própria razão que a consciência libertária que não está nem pode ser encerrada no plano da preconceção emerge.

Não podemos conhecer o princípio criador, mas podemos reconhecer as vontades e forças libertárias fundamentais que constantemente dão forma à existência do universo como criação, e diferenciar os seres criados pela invenção do livre pensamento dos entes e que não são meras consequências de outras forças, mas a manifestação da sua autonomia no mundo pela integração da sua vontade própria a rede. Seres dotados de alma que podem até destruir seus corpos, mas não podem destruir nem gerar sua própria alma- a alma.

Livres vontades que não são abstrações, qualidades que dependem da percepção, são manifestações de força fundamentais que não se originam nem se findam na materialidade desta realidade. A existência não é um mero produto do meio nem dos limites da sua forma existencial. É a materialidade manifestação perceptível do espírito libertário que confere identidade ao ser independente das intelecções.

E se materialização depende tanto da conexão dos espíritos libertários com o mundo, quanto à realização do mundo do nexo entre estas vontades libertárias fundamentais, a liberdade real não é um fenômeno absoluto, ela se realiza pela comunhão das livres vontades em rede que formam o mundo. A matéria não forma a livre vontade, a matéria é a forma atual conexas e perceptível da livre vontade. Os espíritos libertários existem independentes

da matéria, e participam fundamentalmente da sua formação como forças autogeradoras da materialidade, mas não são entidades absolutas, geradoras de sua própria existência isolada. Cada livre vontade gera a sua atualidade, mas não o seu princípio criador, nem as outras vontades que integram com ela sua realidade.

A alma libertária de cada ente e fenômeno manifesto são forças criativas fundamentais da materialidade, mas não o logos de toda a criação, gerador nem da criação nem muito menos do criador. Vontades podem manter ou destruir seu corpo e até mesmo seu mundo, mas não pode gerar nem destruir a seu próprio espírito nem o princípio criador. Vontades podem destruir corpos, alienar mentes, podem até mesmo reduzir-se até não ser sequer nem mais percebida, mas jamais se apagar-se ou desconstituir-se.

A materialidade tem sua origem na espiritualidade, mas a espiritualidade geradora da auto-organização espontânea diversa e difusa não é capaz de gerar-se sem contrariar ou destruir sua forma. Nenhuma entidade é capaz de se gerar, destruir ou nulificar, somente a vontade pura somente a liberdade como princípio criador pode se contrariar permanentemente porque sua essência compreende a própria contrariedade como transcendência produzindo não a destruição, mas o novo. A negação da vontade pura é libertária; não se destrói ou delimita, mas se multiplica pela diversificação das formas de existência.

A liberdade é princípio criador imanente a essência de cada ser como livre vontade, mas é simultaneamente princípio criador transcendente como a própria realidade integrada não apenas material mas metafísica.

A própria criação e criatura criando-se a si mesmo integradas, mas não encerradas e reduzidas as suas formas potenciais ou atuais, mas sempre se movendo para além a partir da força fundamental libertária autocriadora da sua potencia, contradição e diversidade, criadora das almas e dos mundos, Deus.

A existência não se origina do nada nem do caos, não é o produto da falta de nexos nem de ordens imutáveis e predeterminadas ou formas de existências absolutas e isoladas em seus mundos como vontade de poder. A espiritualidade, a origem do fenômeno da livre vontade está na liberdade como vontade pura, capaz de não só gerar a existência autônoma diversa e espontaneamente auto-organizada, mas de gerar a si mesma não apenas como afirmação, mas como reafirmação, contradição e transcendência. A vontade pura como liberdade. Deus.

Deus não é apenas o princípio capaz de se gerar, mas o princípio capaz de compreender sua própria negação e transcendentalidade, o princípio que se negando se reafirma, que derrubado se renova que destruído transcende. Que humilhado cresce e perseguido se dissemina. O princípio criador que compreende a afirmação à negação e transcendência, a Liberdade.

Deus uma vez pensado é uma ideia, mas não uma abstração. Deus é mais do que o nexos necessário para dar princípio e sentido à existência. Deus, como a advenção do princípio autogerador é a revelação da própria da ordem libertária. E se o Acaso é o logos da falta de nexos, Deus é o nome da existência como nexos, mas não o nexos perverso do poder, destruição, determinismo e violência, mas o da liberdade de criação, do princípio criador. Deus é o nome dado pela

humanidade e roubado pelos todos poderosos para o código da vida.

Deus não é a forma, mas a *liber* da vida. Deus é a Liberdade, o único princípio capaz de perpetuamente realizar a sua potencia pela contradição da sua atualidade, o princípio eternamente gerador tanto da diversidade quanto da transcendentalidade como coexistência e inovação. A liberdade é Deus, Princípio que não carece de contradição para se afirmar, mas que até a sua contradição e perversão carece Dele para se constituir e ao renega-lo só aumentam a força da sua confirmação. O princípio que a dúvida revela, o questionamento esclarece, a crítica constitui, a contradição reafirma, a negação fortalece, a ridicularização difunde e o debate renova. Liberdade. Princípio atemporal criador não apenas do novo, mas da sua própria sustentação ancienta. A vontade pura

criadora e difusora de si como a diversidade das formas existenciais.

O princípio criador não governa nem sequer determina o destino da existência, apenas lhe confere alma, livre vontade para dar sentido independente e ordenado a sua existência. Todo ser do universo tem sua alma manifesta exatamente pela sua forma de existência. O pássaro voa, e as pedras rolam, mas nem pedras ou pássaros se movem sem interagir com outras forças capazes de alterar seu destino ou o que elas são. E não haveria pedras ou pássaros se não houvesse forças próprias em cada uma delas, nem voo ou asas sem a vontade de voar. Assim como haverá tantas pedras, pássaros e inteligências quanto diversidade de forças de vontades que dão forma as suas existências autônomas. Não existe pensamento nem sentimento sem a mente, mas não haveria mente, pensamento

ou inteligência sem a vontade de autodeterminação, não haveria nenhuma concepção ideal ou material sem o espírito libertário.

A coexistência é autodeterminada, mas não por forças sem princípio nem sentido, mas com poder para criar no mundo o tempo e espaço da sua livre vontade como fenômeno conexo e instantâneo. Existência é diversidade porque é a realização da vontade pura e infinita; a liberdade como criação. A existência tem nexos imanente e transcendente, princípio e sentido não apenas incognoscíveis, mas completamente sagrados em sua liberdade.

Deus é liberdade. O princípio criador e o sentido existencial de todo ente e fenômeno manifesto na liberdade transcendental de autodeterminação do seu destino pela força da sua livre vontade em comunhão com o mundo. E assim como a potência do criador

não pode ser apartada da criação nem reduzida a forma ou aprisionada ao corpo de nenhum poder, a criação por nenhum momento pode ser segregada do seu princípio autogerador, nem encerrada a temporalidade de um único instante. Quem corre atrás da criação como momento ou do criador como ente persegue a sombra da sua própria percepção projetada como mito da criação. Toda existência é um momento permanente de criação, e o universo o próprio momento contínuo da sua difusão no tempo e no espaço, o sistema auto-sustentado e reiterado de geração do novo a partir da imanência transcendente. Princípio que não é ente, mas essência; não é aparente, mas transcendente-imanente; princípio que não é supremacia, é vontade pura; não é poder, é Liberdade. É Deus, a Sagrada Liberdade.

Fé

A percepção materialista ao ignorar a existência de realidades incognoscíveis, fecha as portas do pensamento ao transcendental, levantando fronteiras imaginárias ao livre pensamento para encerrar a concepção nos lugares comuns dos domínios mentais e físicos. Como todo culto ao absoluto, a preconcepção realista não apenas aparta e encerra o livre pensamento em campos de concentração do saber: a predeterminação dos entes e fenômenos segrega as formas de existência discriminadas e incompreendidas, privando-as não apenas da natureza e do bem comum, mas da sua integridade.

É impossível se apropriar da livre vontade, assim como alienar o ente consciente do seu espírito libertário, mas negar a alma libertária é o mesmo que perverter o corpo em prisão da criação, e o sujeito em objeto de

observação e emprego de quem assim define as classes pelos signos. E assim como a fundação da dominação está na redução da significação do sujeito a objeto alienável, a libertação das classificações e generalizações está na desalienação pela transcendência dos preconceitos pela auto-significação dos sujeitos.

A liberdade nasce da consciência pela manifestação de cada espírito libertário de seus princípios e sentidos em atos que dão nexos e valor a sua coexistência no mundo. E a existência não é constituída pela vontade de poder, nem muito menos por nenhuma supremacia prepotente, mas pela liberdade criadora das formas existenciais, o nexo ligado ao princípio sagrado da liberdade.

O entendimento não é feito de abstrações preconceptivas, mas de nexos existenciais; a ligação entre concepções segregadas entre si,

e a revelação de formas e relações inconcebíveis pela preconceção. E se a abstração se faz da discriminação do sujeito em relação ao objeto, e da segregação destes do mundo como opostos; a compreensão é feita da religação dos contrapostos ao nexa da diversidade que dá sentido a sua concepção. O raciocínio materialista é rigorosamente o produto da ignorância da integração irreduzível da diversidade.

Abstrair é delimitar o compreensível, literalmente ignorar para conhecer. Mas renegar o incognoscível é preconceber a abstração como realidade prepotente. A natureza não é elementar nem conjuntural, mas complexa e integrada. E a sombra totalitária se projetará sobre o mundo como imagem do real enquanto se tomar os limites intrínsecos aos sujeitos-objetos como o próprio conjunto de todas as coisas. Enquanto

a nulidade da mesmificação for um estado real e as revoluções meramente a negação desta absoluta falta de sentido, os poderes supremos e os todos poderosos subjugarão pessoas e liberdades naturais.

Não; não será a destruição das velhas estruturas que derrubará os supremacistas e segregadores, mas a fé na liberdade de criação de novos mundos. A libertação é feita da desalienação do sujeito pela fé no espírito libertário manifesta nos atos de comunhão de livre e espontânea vontade. É pela religação do ente a seu princípio criador e consciência criativa que a humanidade se liberta das prepotências supremacistas e preconceitos materialistas. É pela fé na liberdade que a humanidade se livrará dos estados de segregação dos povos e discriminação dos seres humanos.

O preconceito materialista não nega apenas o desconhecido, ele renega tanto a realidade do que não pode apreender nem compreender, quanto à dignidade do incompreendido, sentenciando à supressão e inexistência, tudo e todos que não se normalizam as instituições que compõem o *status quo*. E se a afirmação do empiricamente irreconhecível foi importante à libertação do pensamento dos domínios de poderes mitológicos, hoje, serve aos estados supremacistas tão bem quanto qualquer mito original de poder.

O racionalismo reduzido a materialismo priva e aliena as pessoas do seu livre pensamento tanto quanto qualquer outra doutrina fundada na assunção de preceitos evidentes, logo inquestionáveis. O racionalismo se tornou assim um entrave ao conhecimento da complexidade difusa e transcendental, mas não só porque se reduziu ao materialismo

realista, mas porque se perverteu em culto absoluto dos seus preceitos como signos de autoridade real.

A razão perdeu-se da ordem sagrada da liberdade geradora do saber. E o método racional ao cair na armadilha do poder supremo, ao sentar-se no trono perdeu também sua luz, decaindo igualmente em projeção do estado real. E como toda ordem que se julga representante da ideia de realeza, os juízes e autoridades sobre o mundo projetado a imagem e semelhança do poder central são os guardiões do novo templo da preconceção, e servem a essa supremacia segregacionista, racionalizadora da escassez, desinformação e eugenia como se sua ordem desnaturada fosse a original. Não importa a cultura ou tempo, os sacerdotes e escribas do culto ao poder são

sempre os mesmo professores da ordem das sombras como se fosse a luz da liberdade.

Pela força do condicionamento da repetição dos seus padrões banalizados desde o nascer até a morte na prisão perpétua de doutrinação, os doutores da lei ensinam no cativeiro do mundo artificial que o real é o natural. Mas a natureza não se rege por leis, a natureza é a ordem e a ordem natural não deriva da realidade de nenhuma autoridade ou determinação de poder, mas justamente do princípio contraditório, a capacidade de auto-regulação de cada existência, a capacidade dos entes e fenômenos interindependentes para criar e compartilhar tempos-espacos, a ordem natural não se erguer de nenhuma ordem preconcebida; a ordem natural advém do princípio criador: a Liberdade. A verdadeira realidade não é artificial, mas natural e advém não da

projeção da lei dos homens e poderosos contra a natureza e a liberdade, mas da ordem libertária manifesta na natureza e no mundo livre. Na harmonia das sociedades e naturezas libertas dos domínios da violência e preconceção.

A perversão da profissão do saber pela ordem do poder, penetrou nas ordens iluministas e as converteu em idólatras das estruturas piramidais. A ciência, outrora o abrigo contra a intolerância, ao agarrar-se nos seus próprios ritos e culto disfarçados de métodos e procedimentos se desintegrou na mediocridade da submissão a ordem preestabelecida. Para garantir a propriedade exclusiva do saber e a hierarquia, a nova ordem não apenas desintegrou e encerrou a razão nos seus domínios, mas também se prestou à vigia dos muros que apartam a fé da razão impedindo a liberdade de

pensamento de se manifestar como fé racional e a razão de se professar sem as correntes do dogma racionalista.

A razão pervertida em racionalização do poder, e o raciocínio reduzido a encadeamento mental perverteu os caminhos do saber em campos de concentração dos preceitos e controle da desinformação e contrainformação. A razão convertida em estrutura de poder mais do que arcabouço do livre pensamento e segregadora das fés, se tornou a cultura desintegradora da humanidade provedora da ciência e religião servis aos estados, alienadas e aleijadas pela subserviência em todas as suas formas: política, econômica e epistemológica.

De todas as formas de servidão, de todos os cultos totalitários ao poder, nenhum jamais foi tão alienante quanto o culto que se julga a própria representação da verdade e razão, a

encarnação do estado tribunal e real, juiz e senhor de todas as fés e culturas. De todos os fanáticos, nenhum é mais perigoso do que o supremacista incapaz de reconhecer sua própria cultura como culto, quando toma por objeto de idolatria nada menos que a sua própria percepção de mundo como representação total para todos.

Conhecimento nunca foi poder, conhecimento é liberdade, e liberdade de comunhão do pensamento. A propagação de ideias fixas; o culto disseminador da doença da compulsão obsessiva pelo poder e obediência; a cultura como se fosse arte; a ciência como o dogma da superverdade, é ainda o culto milenar ao poder em sua forma moderna. E se o culto supremacista veste seu ídolo com os nomes de Deus, Razão ou Liberdade, o espetáculo da representação das formas não muda a

essência da substancia; a propaganda do rótulo não muda o veneno do frasco: poder.

Fé sem razão é fanatismo. Mas quem coloca a razão acima da liberdade, não tem nem fé nem razão, mas idolatria ao poder supremo representado pelo ídolo da razão. E quem coloca sua fé na razão e sobretudo na concepção racionalista e não no livre pensamento e na permanente autocrítica não tem fé, nem consciência, mas adoração ao seu ego projetado como superego contra o mundo. A face do culto não muda a forma do pensamento idolatra. Racionalistas, libertários, deístas e até agnósticos, todos são acometidos pelo mesmo afã no instante que passam acreditar poder tomar posse do insubstanciável, e pela ilusão de posse da verdade não a tomam nem a detém, mas dela se perdem, assim como da própria luz da

liberdade e informação que continua sempre em movimento enquanto é ele que agarrado a sombra da verdade projetada que se detém para desaparecer junto com sua ilusão plastificada e mumificada de eternidade material.

Toda possessão materialista, todo signo de poder é ouro de tolo. Nada impede uma fé ou razão de contestar a outra, mas o pensamento que pretende se impor como único ou total, que não admite contradição, diversidade, nem dissensão, não é fé nem razão, é projeto de poder total. O pensamento científico ou religioso que se difunde por entitamentos e invalidação do livre pensamento, não é fé nem razão, é crença. E ainda que seja verdadeiro para quem o tenha concebido nada é além de um preceito para o alienado que nunca pôs em questão o seu dogma.

O fanatismo não está na fé, nem muito menos na razão, mas na desintegração da fé na livre razão pela idolatria. Qualquer princípio transformado em objeto de culto, qualquer manifestação estética reduzida à cultura, qualquer massificação da preconcepção é perversão da liberdade pela simbolificação do poder. Qualquer preconcepção prepotente o suficiente para conceber sua representação como o domínio da autoridade e exclusão das outras formas de pensamento e existência não está fundamentada mais em princípios ou qualquer finalidade original da sua fundação, mas no culto à sua supremacia, a mera objetivação dos meios a perpetuação da sua existência material como signo do poder. Não é mais a manifestação de um ideal ou de um espírito, não é mais comunidade, associação, sociedade ou igreja, mas a sua negação, é corpo artificial, corporação, egrégora, um

campo do domínio hierárquico de poder. Religião ou ciência uma vez submetida ao mesmo estado de poder, uma vez convertidas em domínios de pessoas e saberes, cultos e culturas são apenas organismos do mesmo sistema, da mesma egregora, encarnações e tentáculos do poder.

Não existe razão sem liberdade de pensamento e o racionalismo inconsciente, a razão desprovida da crítica de seus próprios fundamentos preconceituais é incapaz de escapar do círculo de causas e consequências redundantes para chegar até a origem dos princípios transcendentais. Entretanto o racionalismo autoritário, a ciência é incapaz de prover o conhecimento buscado do sentido e principio da vida, não apenas porque negue o nexo transcendente, mas antes de tudo porque traiu seu destino, se acovardou diante do poder e desistiu de adentrar os domínios

do desconhecido já nas primeiras fogueiras, deixando não apenas ele entregue ao poder da irracionalidade idolatra, mas as pessoas.

A ciência rendida e vendida ao poder total não iluminará nem libertará. Ao desistir de avançar com a livre razão sobre a superstição sobre a besta e seus mitos, a ciência abandonou não apenas os crentes aos adoradores do poder total, mas constitui junto com os estados de poder, seus próprios campos de domínio sobre o mundo material e mental. E neste pacto maldito entre religião e ciência autoritárias, Deus e a Humanidade, a liberdade e a livre vontade foram novamente queimadas em holocaustos em nome dos ídolos dos territórios de poderes totais e em favor dos seus falsos representantes, os todos poderosos, sustentando seus falsos domínios absolutos como reais.

A verdade autoritária não libertará. Toda corporação se constitui pela negação da liberdade de comunhão, estado alienante que nega não apenas a reintegração dos entes e saberes, mas, sobretudo nega ao livre pensamento a transposição das fronteiras que delimitam tanto o conhecimento quanto o domínio do saber.

O poder embora seja um estado de prepotência de unidade absoluta, nunca é uno, mas muitos e sempre perpétuo em conflito deflagrado ou não. Os Estados são a Besta, mas o Demônio não é um único um braço ou estado de poder, mas o próprio estado maior dialético formado por todos eles em perpetua conflito; é a própria discórdia como realidade, o poder absoluto que se ergue como o inconsciente coletivo e difuso das legiões opostas. O governo dos governos do mundo: a Discórdia.

Antes dos Estados dividirem para conquistarem, a discórdia que os conquistou, dividiu e domina há milênios é a força obsessora que move os homens institucionalizados nos diversos territórios e culturas. Mas se todos nascemos presos a distopias panópticas, ninguém nasce condicionada aos seus cultos territoriais. Antes de privar o ser humano do seu direito de livre pensar e encarcerar seu corpo e sua mente em domínios de mito e poder; é necessário separar sua mente do seu espírito criativo, aparta-lo não apenas dos outros, mas de si mesmo; é necessário desintegrar sua fé de sua razão.

Os Estados não nasceram quando se aprendeu a plantar. Mas quando se aprendeu a domesticar plantas, animais e homens. Quando passou a cercar e apartar a natureza e o homem em domus feitos não de

meramente de vigias e muros, mas de mitos, medos e privações controladas.

Mais do que a renegação e censura do livre pensamento nos campos de concentração do saber e viver, as "cracias" de todos os tipos ("racionalis" ou "teológicas"), segregam, desintegram e alienam os cativos aos preceitos dos campos de plantação das suas ideias, não só pela privação do sagrado direito de ir e vir dos corpos, mas dos pensamentos. É pela subtração e controle dos meios vitais, materiais e mentais para pessoas manifestarem sua livre razão e viverem de acordo com sua livre e espontânea vontade que se inaugura as ideias e pessoas fixas e suas fixações.

Transcender o horizontes de eventos predelimitados e superpotencializados como a totalidade absoluta, os conjuntos universo, dos campos de concentração do

conhecimento e do conhecido não é impossível é uma necessidade. Abandonar as representações fechada, estática, imóveis e finitas da realidade não é apenas um ato de desobediência contra a perversão, é ato de iluminação, é ver o reflexo invertido das abertas, dinâmicas e infinitamente diversas e mutáveis formas existenciais. É a transgressão necessária da ordem supremacista pela renúncia à idolatria ao poder real, antinatural e contralibertário. É a libertação da ditadura do preconceções do visível e possessível em favor do Movimento Sagrado da Liberdade de Conceção.

É preciso ter coragem para se ter fé. Para buscar racionalmente e com paixão o conhecimento das coisas e sentidos mais importantes da vida. Para buscar livremente os nexos e significados de conceitos que se

tornaram palavras vazias ou alarmes para uma massa transformada em rebanho.

Ninguém nunca verá com seus próprios olhos o átomo, mas poderá entender ou interpretar o mundo e, até mesmo, se orientar e criar utilizando o mundo invisível do campo atômico, subatômico e suas forças. Pessoas observam a ideia de um corpo fundamental indivisível com aparelhos, mas o que eles veem é a sua própria preconcepção do imperceptível intermediada por invenções. A mente abstrai e imputa seletivamente existência para preconceber *status* de sujeito e objeto a cada abstração que compõe sua visão de mundo. Visão que deriva assim, tanto da sua percepção quanto da preconcepção. E da mesma forma que quem observa o átomo dá a luz a sua concepção de mundo, quem pela fé racional toma consciência dos limites

da sua própria compreensão, reconhece o incognoscível.

Verdades não são absolutas nem relativas, são complexos; conceptos com poder de realização, tanto por nexos compartilhados entre os entes dotados de inteligência, quanto pela sua conexão com a rede dos entes e fenômenos difusos presentes no mesmo espaço-tempo ou não. O que dá atualidade a uma verdade não é a sua adequação às visões, concepções, ou mesmas ordens e estados já concebidos, mas a capacidade criativa para dar significado à sua própria concepção não exatamente como realidade, mas como diversidade existencial.

É a criatividade para dar ordem complexa e independente que dá verdade e materialidade às ideias e ideais e não à vigilância e julgamento das concepções e estados de predeterminação do que é real. O que faz de

uma ideia mais do que uma abstração ou previsão, não é a sua coerência com a realidade aparente ou predeterminada, mas justamente a revelação de princípios e sentidos com nexos suficientes para dar significado a uma determinada atualidade—mesmo que esta atualidade não esteja ainda presente no seu tempo.

Nem toda ideia é revelação, assim como nem todo pensamento é produto da livre vontade. Pensamentos podem vir de desejos, compulsões, necessidades e condicionamentos. A livre vontade é o pensamento que nasce não das necessidades do corpo ou das forças do mundo, mas justamente a vontade independente das causas aparentes, necessidades e privações do corpo e da mente; é a vontade que nasce não como consequência da comodidade, amestramento ou desobediência, mas

independente das imposições, pressuposições e condições. É a liberdade da vida que pode nascer contra todas as impossibilidades, e independente de todas as probabilidades, não como contrariedade, nem como afirmação, mas como transcendência.

O espírito não é uma ideia produzida pela matéria, mas a imanência do novo. O espírito é a alma intangível dotada da capacidade de materialização. O plano espiritual é a realidade transcendental, o campo onde a existência é concebida fora dos lugares comuns. O plano metafísico é o plano imperceptível e emergente da realidade. E a contradição aparente das palavras apenas indica que o plano metafísico, assim como o plano do infinitamente distinto em tempo espaço e movimento, escapa da percepção ordinária, da realidade normalizada pela repetição natural ou artificial.

A projeção do real, a repetição dos mesmos padrões, fenômenos, e ritos cotidianos, são estressados e contrariados em situações limites, onde os campos do evidente e do incognoscível se encontram; onde rigorosamente nossa percepção e preconcepções são levadas às suas fronteiras; onde o estado real, ou melhor, a percepção ordinária da existência superficial e aparentemente estável cai diante da realidade dinâmica, criativa e revolucionária.

Perante a experiência da proximidade da concepção de eternidade e infinidade, nestes instantes ou a consciência se abre e transcende a contradição aparente, ou o ente se fecha e levanta muros de nulidades, insignificâncias e niilismo contra o horizonte de eventos do novo. Ou o homem sai da caverna e se levanta contra o espetáculo de sombras na parede ou assassina o mensageiro

em nome da uniformização. Mas o código não morre com o mensageiro, se abre.

A existência com significado, o ato significativo não tem origem na matéria, mas no espírito libertário e não se finda no corpo, mas se dissemina como lucidez imanente e indestrutível por todo o sistema.

Nos estados limites da matéria o plano metafísico, os planos espirituais libertários estão mais explícitos. A criação banalizada pela presença contínua e reiterada se renova nestes estados de observação retomando a noção imprescindível do mistério original da alma para o observador. E aquilo que nos planos da sua percepção ordinária é apenas matéria, no plano dinâmico das redes complexas, é reconcebido como os nexos transcendente e libertário da criação.

A alma das coisas está nos princípios transcendentais que dão forma e movimento

às coisas, à manifestação de identidade própria. A ordem não é ausência da complexidade é oposta é a negação da nulidade pela co-significância, é a negação da inercia pela força fundamental da vontade das existências em interação. A matéria não é formada por formas estruturais, é movimento percebido como forma num dado momento. Matéria é a forma perceptível da vontade manifesta. O espírito pode existir independente da matéria, mas não há materialização sem conexão com as outras formas de existência que se manifestando refletidas umas nas outras integram o espaço e tempo do seu mundo.

A consciência da existência autônoma do ente nasce da percepção da interação do ente com o mundo existente. Assim como a materialidade sem espiritualidade é uma ilusão, a espiritualidade como fenômeno

absoluto é ficção. Não existe fenômeno completamente fechado ou desintegrado, pois a ausência completa de conexão é nulidade. O universo não é constituído meramente de um encadeamento de causas e consequências. Causas e consequências são a percepção da manifestação das forças de vontade conexas uma às outras e que dão forma a existência no espaço-tempo.

Vontade que se presentifica como a trajetória não determinada pelo tempo e espaço, mas por forças fundamentais transcendentais. Existência formada não apenas de eventos passados e estruturas presentes, mas permanentemente gerada pela rede de livres vontades atemporais que se realizarão. E os entes e eventos do passado, assim como os do futuro, são tão partícipes do presente, quanto à atualidade percebida, não apenas na medida das causas e consequências, mas no

grau de integração para além do seu tempo e espaço no plano transcendente.

Deus não é entidade absoluta, mas a transcendência e imanência completamente integrada e difusa que está em tudo e todos sem pertencer a absolutamente nada. Deus é Liberdade e ninguém é senhor absoluto do seu destino, nem escravo do meio, porque a existência de cada ser e fenômeno é dada não de forma isolada, mas pela relação com os outros seres igualmente dotados de vontade tanto próximos quanto distantes, tanto conhecidos quanto desconhecidos. Um ser ou evento nunca deixa de interagir com a rede presente mesmo que para estes seres atuais a sua existência tenha se tornado apenas espiritual. A única morte possível é a irrealização do espírito libertário como coexistência e consciência.

A vontade pura é infinita e a tendência da existência não é permanecer a mesma, mas se manifestar em todas as formas possíveis, e onde há impedimento das formas coexistem e se integram no mesmo espaço-tempo, onde não houver possibilidade para as livres vontades se manifestarem em comunhão, pela mesma força de suas vontades novas realidades se formarão abrindo novos espaços e tempos possíveis para a sua integração. Novos Multiversos não apenas alternativos, mas materialmente diversos.

Ninguém precisa viajar ou reencarnar no passado ou futuro para mudar o mundo, toda ação presente gera uma bifurcação não apenas em direção ao futuro, mas em direção ao passado alterando não o tempo ou história, mas gerando novos mundos tão conexos quanto possível e tão alternativos ou novos quanto à necessidade de diversificação de

possibilidades independentes de espaço-tempos.

A ordem do Universo não é o que não pode ser visto não existe, nem o que não tem razão preexistente para existir não acontecerá. A inércia é uma abstração perfeitamente lógica, mas ainda assim um apenas uma dedução racional e não uma força fundamental. Simplesmente não existe nada absolutamente ou permanente inerte. A ordem do universo como sistema dinâmico não é inercial, mas justamente a sua contradição: a manifestação dinâmica de toda a diversidade de padrões independentes aos preexistentes que justamente por sua repetição se continua se fazem nada, ou melhor, plataforma para a criação. A ordem do universo não é dialética, entrópica ou inercial, a ordem do universo é libertária, a ordem da geração transcendente dos novos padrões complexos.

A ordem libertária é a constituição autônoma de todas as formas existência e tantas formas diversas quanto as necessárias para dar materialidade às livres vontades difusas, sejam elas materializadas a partir de um mesmo mundo, advenham elas do mundo transcendental. Nem tudo que é possível se realizará, mas toda vontade com nexos suficiente para integrar-se irá emergir senão neste tempo e espaço em outro, mesmo que para sua manifestação seja necessário o rompimento com a velha ordem e o nascimento de um novo mundo.

Partindo da Vontade Pura e ligados a Ela, haverão tantos entes e fenômenos quantas forem às forças de suas vontades constituintes, e tantas realidades conexas quanto à capacidade de coexistência, exatamente pelo mesmo princípio que haverá tantas realidades paralelas quantas forem às

forças criativas impossíveis de se materializarem no mesmo tempo e espaço.

E quem quiser entender que entenda, há tantos universos e realidades nascendo neste exato instante capazes de mudar não apenas nosso futuro, mas nosso passado, capazes de multiplicar criativamente nosso presente quanto à diversidade de autodeterminação materializada das livres vontades não apenas vivas, mas nascendo agora mesmo em todos os tempos e espaços simultâneos, passados e vindouros.

Universos que não se chocam nem se destroem como a matéria, mas que como a própria força fundamental criadora a liberdade se multiplicam e diversificam tanto pela sua conexão quanto pela sua difusão.

Toda força de vontade conexa é capaz de criar tempo e espaço. A existência não é o que está posto, mas a própria capacidade de

indeterminação. O visível é ilusão de delimitação do indeterminado. O Universo é a manifestação permanente da vontade pura, a própria geração da diversidade infinita não da materialidade, mas de tempos e espaços para a materialização.

O impossível é apenas a estrutura delimitada da rede que não encerra nenhum espírito à sua formalidade, mas constitui a sua conexão. O mundo material não é uma caixa, mas uma porta. A materialidade não é a forma preconcebida nem imaginada do espírito, mas a manifestação instantânea do nexos. Não importa se o novo universo seja uma bifurcação de um mundo preexistente, ou seja, o produto de uma atualidade completamente nova e independente em relação à realidade conhecida haverá tantos universos quantos forças com poder de concepção de ordens autossustentadas e

independentes, todas interligadas pelo princípio criador original: A liberdade, Deus.

A vontade existe independente da matéria, mas ela só se realiza como ato de fé. A materialização de uma nova realidade mesmo neste mundo só se faz pela força da sua vontade como ato e não como imaginação. Fé se professa pelo ato, pela ação e não-ação significativa no mundo. São as ações e não-ações criativas, que mudam e constroem os novos mundos. Aquilo que não pode ser neste mundo e que, contudo se faz presente, o impossível que se realiza como ato não altera apenas o futuro, mas o passado, cria um evento difuso no tempo e no espaço, uma nova realidade que não destrói a ordem preestabelecida, ergue uma nova ordem a sua revelia.

Atos de fé podem mudar o mundo e multiplicar realidades, mas não anulam o que

está feito. As coisas podem ser destruídas, mas nada pode ser apagar da existência. Nem mesmo o princípio criador pode anular ou negar a criação, porque sua própria negação não é destrutiva, mas a recriadora. Nada pode fechar a atualidade para o princípio criador e os espíritos criativos recriarem novos mundos e realidades diversas. Nada tem poder para impedir a vontade criativa de multiplicar a diversidade existencial pela difusão dos tempos e espaços.

Nenhuma realidade constituída é capaz de anular a capacidade de cada ato independente gerar espaço e tempo necessário a materialização da sua força fundamental, criativa, libertária e autodeterminada. E a força de vontade reprimida nesta existência material, neste tempo e neste espaço não se anula e irá se manifestar explodir com toda a sua força represada como o nascimento de

todo um novo mundo. E nada poderá impedir que um mesma alma que um dia viveu ou vive num plano, coexista em múltiplos corpos tempos e espaços difusos, em metaversos simultâneos, ainda que conexos senão pela livre vontade do seu espírito libertário. O universo não é a finalidade nem muito menos o fim do princípio criador. Assim como a ordem libertária não é o limite ao espírito livre e criativo feito à imagem e semelhança de Deus para a formação da sua existência, mas o principio que lhe dá anima e origem.

A fé não move só montanhas, a fé cria novos mundos. A fé que liberta os espíritos e cria novos mundos sem sequer precisar sair das celas do velho. Deus é liberdade, e a fé o estado de consciência como libertação da criação.

Liberdade

Deus não é o Senhor, Deus é Liberdade.

O Senhor da guerra e trabalho, cobrador de dízimos e tributos, pai dos holocaustos, o falso deus todo poderoso dos todos poderosos é o ídolo da servidão e escravidão; o deus dos colonizadores e impérios. O ídolo do culto ao absoluto, a personificação do poder total, deidade de supremacistas nos domínios da violência e segregação.

Deus não é o grande vigia, que tudo vê, sabe e detém a tudo e todos, Deus é a constante transposição de todo poder, todo saber e toda preconceção. Não é uma entidade nem propriedade, é o Princípio Criador. A *Liber* de toda Criação. Não é objeto de abstração e representação, não pode ser contido por nenhum corpo ou organização.

Nenhum ser ou estado pode encerrar a liberdade criadora, nenhum poder supremo

pode personificar o movimento sagrado sem perder-se dele. Deus é o princípio imanente e transcendente do espaço e do tempo e da dualidade tudo-nada. A vontade pura presente em cada ente e fenômeno não predeterminado e que faz do momento da criação um instante eterno, idêntico à própria existência do universo. Deus é o princípio criador que faz de cada momento do universo o momento da criação e, os universos a própria criação eternizada como evolução, revolução e inovação. O princípio libertário imanente a cada ente, e transcendente a toda realidade criadora do ser, não-ser, e além.

Princípio que não pode ser contemplado, mas que pode ser revelado pela consciência que se reflete nos entes e fenômenos não produzidos ao acaso, mas pela manifestação e interação espontânea das forças libertárias fundamentais, autodeterminadas e auto-

organizadas da livre vontade. A livre vontade que, mais do que a capacidade abstrata e materialmente delimitada de poder decidir é a força fundamental completamente independente que permite a cada ser se manifestar especificamente de uma determinada forma, quando poderia ser de outras ou mesmo não ter nenhuma.

A fé libertária é a consciência de que a existência é a constante renovação, a materialização do fenômeno espontâneo da independência que afirma e liberta o ente autônomo das forças e condições alheias pela realização da emancipação da sua própria vontade e livre iniciativa. A vida, o desenvolvimento revolucionário da diversidade e complexidade é a própria realização dinâmica da afirmação, contradição e transcendência da vontade pura como a ordem libertária e criadora; a Criação dotada

da essência e potência da *Liber* Criadora, a Sagrada Liberdade: Deus.

Não é a forma das organizações, não é a estrutura da rede existencial, que determina a negação da liberdade e a geração do poder, mas o domínio sobre a dinâmica das conexões. Não é a centralização ou intermediação do sistema que constitui o poder, mas o monopólio sobre as conexões. Não é a forma da rede que constitui a natureza do poder, mas a união das forças arbitrárias e coercitivas que impede as revoluções das estruturas e evolução das formas; que reprimem os movimentos e a livre formação dos nexos constituintes não apenas das novas estruturas, mas do próprio sistema dinâmico e reiterado da autorenovação, a vida.

E assim, como a anarquia não é a negação da ordem quando voluntária, também não é uma

das suas formas de manifestação quando imposta. Da mesma forma que a hierarquia não é necessariamente perversa, se ela não se impõe em nenhum momento como absoluta ou contra a livre vontade dos seus componentes ou a diversidade das outras organizações. Não importa a organização, onde a ordem dos constituintes não é sempre direta e livre para refazer e abandonar a própria constituição, não temos ordem, mas o culto perversos ao sacrifício da própria livre vontade para tomar parte no poder da união. O estado livre não é centralizado, nem descentralizado, não é vertical nem horizontal, as sociedades de paz não tem uma forma única nem definitiva, mas tantas formas diferentes e simultâneas quantas as vontades difusas e comuns de todos os indivíduos e comunidades do mundo. E a paz entre todas será dada pela concórdia do mesmo princípio,

a liberdade em comunhão: a garantia do direito sagrado de toda pessoa de governar-se em paz.

Liberdades não são privilégios de quem detém a posse do bem comum contra os segregados; liberdades são a igualdade de autoridade de cada pessoa sobre os meios vitais básicos necessários tanto a subsistência de todos, quanto ao exercício da sua livre vontade em paz. A liberdade não é a estrutura, mas a dinâmica geradora da diversidade das organizações e organismos livres pela soberania direta dos seus legítimos constituintes: cada alma na manifestação da sua livre vontade em interação e reciprocidade com as demais. A liberdade não é dada pelas formas, nem plataformas, mas pela conexão das almas. É a capacidade que garante a coexistência solidária perante a adversidade e o espírito constituinte da auto-organização

pela força fundamental da autodeterminação, o princípio inalienável dos seres dotados da consciência da livre vontade.

Liberdade é o direito universal de todo ser dotado de livre vontade para governar-se em paz junto com os demais dotados da mesma disposição, e o dever recíproco de toda pessoa livre e consciente da natureza da liberdade. Consciente o suficiente para desenvolver seu senso de justiça libertária e cosmopolita para garantir de fato a materialidade dos meios vitais, tempo e espaço para que todos possam se emancipar e desenvolver sua vocação, assumindo assim sua igual responsabilidade e soberania inalienáveis junto a ele.

Toda pessoa ou organização livre que afirma sua liberdade pela não-violência e compromisso com o respeito e proteção do espírito libertário sem nenhum tipo de

discriminação, inclusive de nação e religião, tem o direito sagrado de se governar, assim como todas as pessoas e organizações dotadas da mesma liberdade e disposição à paz tem o dever de reconhecer e proteger em reciprocidade esse direito sagrado.

A liberdade não é uma condição abstrata, ou mera propriedade subjetiva, mas a realidade que manifesta-se na presença de um mundo livre, o mundo seguro ao desenvolvimento de toda a diversidade da vida e suas formas. E todo organismo e organização capaz de tomar consciência da natureza da liberdade não têm apenas o direito inalienável a soberania e autodeterminação, mas o dever de proteger e garantir os mesmos meios vitais necessários para o desenvolvimento da mesma liberdade e vocação para todos.

Liberdade é o estado de consciência gerador da fé e compromisso não apenas com a

proteção das liberdades, mas com a libertação dos oprimidos tanto das privações naturais quanto artificiais. O amor à vida é o amor incondicional a liberdade como princípio e sentido emancipador da vida, e sua verdadeira doação voluntária jamais pode ser determinada por quem doa, mas tão somente por quem a recebe sem jamais estar obrigado a dar nada em troca.

E se haverá os que pagarão o bem da liberdade com a ganância por mais posses e poder (e haverá), o libertário não deve cair na armadilha da desconfiança e solidariedade preventiva contra todos os demais por causa da traição dos gananciosos. Nem muito menos deve cair no jogo da violência e discórdia.

A verdadeira liberdade, o verdadeiro movimento libertário não é subproduto do poder, não é a sua reação contrária, não existe em função da sua destruição, não

aumenta nem jamais diminui perante a violência, apenas mantém naturalmente sua força original geradora de toda sua vida. A liberdade não se finda jamais na contraposição ao poder e violência, mas é sempre o estado da sua transcendência das contraposições.

A violência e a violação deflagradas não só permitem a reação proporcional contraposta, mas exigem a reação de todos que ainda podem atuar com ações e não-ações para acabar com a agressão. Mas há que se saber: todo enfrentamento já é uma vitória da Discórdia. Para o homem de paz que não quer ter sua livre vontade pacífica violada pela força da necessidade da autopreservação, ou pior, pelos estados de provocação sistemática dos confrontamentos e extermínio dos povos e pessoas uns contra os outros, há que se

precarer não contra os outros, mas contra seus projetos de guerra e poder.

A prevenção contra a violência é a prevenção contra a centralização e monopólio do poder e não se faz alimentando o problema, financiando e obedecendo estados de vigilância e intimidação, socialistas ou liberais, mas pela assunção da responsabilidade e compromisso contrário: o permanente movimento da rede social da solidariedade incondicional e universal não só contra todas as disposições contrárias a paz e liberdade, mas para além delas.

A Paz e Liberdade na terra nascem da desculturalização e cosmopolitização. A paz e a liberdade dependem da garantia mais ampla possível de liberdades positivas básicas para o equilíbrio mais simétrico possível do poder entre todas as pessoas e comunidades. A liberalidade ou a socialização, a redistribuição

das propriedades particulares e comuns subtraídas e condicionadas à submissão do poder dadas aos privilegiados contra os excluídos não traz nem liberdade nem segurança, mas apenas a marca do poder aos submetidos desta ou daquela classe, e é só o outro lado da moeda da privação que sustenta as proibições e segregação marginal e periférica das bases da mesma pirâmide.

O mal é a força que tanto impede a descentralização quanto a formação de qualquer novo centro fora da união ou mesmo associação dentro dela que não esteja compreendida e reduzida a periferia. O poder central, não é meramente a centralização voluntária das relações, mas a negação de qualquer variação da forma fora dos padrões estabelecidos como normalidade. A perversão do poder, não se encontra nas formas das organizações, mas na força alienadoras da

autonomia e capacidade de emancipação dos submetidos ao poder. O mal do poder não se gera nem se propaga pela forma imposta, mas pela constante imposição da forma preestabelecida; não é estrutura em si, são as forças opressoras e obsessoras dos espíritos libertários que convertem a vontade de ser em vontade de ter e poder- justamente pela frustração da manifestação de uma existência plena e autônoma. O mal não está na forma nem na concepção, mas a imposição das formas e identidades comuns pela preconcepção. Está na perpetuação dos poderes totais no corpo alienado contra a ordem libertária das pessoas e direitos naturais dos quais se alimenta parasitariamente. O mal está na sacralização e personificação desta força destrutiva não apenas como poder, mas como entidade suprema guardiã de preceitos inquestionáveis,

os venha do céu ou da terra, sejam eles governos dos homens ou de divindades. Essas deidades materiais e ideais toda poderosa, deuses e estados, são as máscaras, as personas das autoridades de fato dos poderes supremos, os falsos senhores e poderes inventados pelos donos da terra para perpetuar eternamente seus domínios arbitrários de servidão e alienação sobre seus fiéis e justificar seus reinos de violência e violações sistemáticas das liberdades e bens naturais. Máscaras que não apenas deformam os rostos, mas conformam suas personalidades, representações que comandam representantes e representados.

E não se enganem: se o jogo do poder é uma farsa isto não significa que quem jogue não acredite nele, pelo contrário, é pela crença dos jogadores na farsa que o reiterado jogo do prisioneiro toma realidade e vida própria,

até contra a livre vontade dos próprios donos do jogo. O jogo de Máscaras não apenas deforma os rostos, mas conforma identidades, criando representações que comandam representantes e representados. Hábitos que fazem monges e os retratos caricatos e deformados das aparências mumificados irreconhecíveis à própria lembrança da alma sempre jovem e anciente. No caminho para a liberdade todos somos iguais. Até o mais poderoso e rico dos homens não desfruta diante do fato da vida e da morte desafio diferente do mais pobre e oprimido. Ouse viver uma vida sem máscaras de acordo com suas aspirações e vocações, ouse se levantar contra as regras do jogo de poder, ou transpor qualquer fronteira da preconceção ou lugar comum e enfrentará o mesmo fogo da inquisição. Para se libertar das compulsões e obsessões da cultura de poder e

violência precisamos da mesma força de vontade e consciência solidária de liberdade. Levante-se e grite por liberdade e enfrentará de todos os lados o ódio fanático de todos os egregados ao mesmo desejo de poder e controle sobre você.

A libertação não vem apenas com a perda do medo da morte, não vem pela desesperança, mas pelo absoluto respeito à vida e vontade plena da sua realização, não de acordo com a imposição de limites da ditadura das possibilidades, mas de acordo com a livre vontade, da forma que ela deve ser. Ainda que isto implique a morte para o renascimento em outro espaço e tempo, em um novo mundo. Realizada só é a vida que nunca morre, tomada no meio do caminho jamais findo que ela mesma escolheu. A vida que pelos princípios e sentido transcende como inspiração.

Mais do que um mito original para a distopia e projeção total de poder, a cultura da supremacia segregadora sobre terras, povos e pessoas; o rito discriminador e regulador das liberdades e relações naturais, formador do culto dos estados de poder e dos apartheids entre os povos, classes e gêneros é a própria materialização da cultura do corpo do mal. O falso deus da escravidão e dos colonizadores quando constituído como domínio sobre o território e monopólio violento sobre o bem comum, subtrator do tempo livre e da posse natural dos espaços, é a incorporadora do próprio mal, o Leviatã, a besta. O culto a preconceção em massa, a cultura realizada como estado de poder é a egrégora que demanda a idolatria à supremacia segregacionista deificada como representação da única realidade possível, a projeção do poder total como realidade.

Leviatãs não são apenas mitos de poder materializados pelo próprio homem, são distopias institucionalizadas como o domínio material e mental sobre seu espírito. Demônios não são espíritos, mas realidades obsessoras e massificadoras dos inconscientes. O corpo organizado e sem alma é a própria máquina feita não de engrenagens sem vida, mas da morte em vida da vontade alienada das pessoas reduzidas a prerrogativa dos seus empregos, títulos e funções. A besta não é feita meramente de organizações e corporações que roubam o tempo livre e o espaço vital dos espíritos livres, mas é feita sobretudo das compulsões que obsessam as pessoas dominadas pelas privações e frustrações programadas para a alienação.

O corpo do mal é o estado artificial feito realidade pela inconsciência coletivizada que

obsessa e condiciona o comportamento dos alienados a adoração e compulsão pelo poder. É a distopia dos campos de concentração das formas livres de existência; panópticos onde os entes naturais nascem para servir o superego institucionalizado como estado real pela vontade alienada dos servos e crentes.

A besta, o Leviatã, a entidade toda poderosa da supremacia da belicosidade e violência, é constituído pelo poder central e cada instituição jurídica intitulada por este estado. Não sendo as corporações privadas a contradição do monopólio sobre o bem comum, mas seus filhotes e tentáculos contra a vida, liberdade, e direito naturais. O culto personificado pela trindade do pai-pátria-patrão e encarnado em toda instituição e corporação de poder.

Corporações são egrégoras, a perversão da liberdade. E seus servos e crentes a anima

alienada deste corpo artificial. A egrégora é a encarnação do culto que se apropria da vontade alienada dos seus membros para formar uma vontade coletivizada representada por ídolos e lideranças igualmente obsessadas pelo inconsciente coletivo da idolatria ao poder supremo. Um fenômeno distópico monstruoso que surge da perversão da solidariedade, quando a associação se desnatura e perde seu sentido comum, para ter por finalidade a perenização do corpo da organização contra os próprios membros, pessoas e natureza.

A besta não é uma pessoa, um rei, uma conspiração. Os poderes totais não estão ocultos, mas explícitos na própria realidade imposta como ritual cotidiano. É o sistema egrégado, é a colmeia, onde até mesmo as lideranças encarnam o espírito do culto e, mesmo quando mandando, estão apenas

seguinte, como todos, o rito cultural do poder pela compulsão por mais posse e poder. O culto terrorista do dia da colheita do fanatismo semeado, que dispõe as pessoas a se matarem, morrerem e, acima de tudo, não viverem em nome desta cultura idólatra a supremacia de mitos de estados reais e totais; onde cada território de poder, cada poder local é apenas a encarnação contraposta e alienada da mesma ordem suprema e absoluta de violência e destruição, da qual é peão inconsciente: a discórdia.

Assim, em sua luta desinteligente pela supremacia cada ente pervertido em corporação serve e protege o mito maior, o pai de todos os demônios: a guerra de todos contra todos. E pelo medo mútuo e terror universal os espíritos, a livre vontade permanece refém de um mundo transformado em jogo dos prisioneiros da egregora não

apenas da negação da liberdade, mas da autodestruição garantida, o Diabo.

O poder supremo, a projeção de poder total, não é o controle absoluto sobre recursos naturais, é o domínio dos signos para preconceber quem são os recursos e quem são seus donos; quem são os sujeitos dotados de capacidade de objetivação; e quem são as pessoas, e os seres naturais reduzidos a seus objetos de estudo e emprego. Poder supremo é mais do que controle da informação e desinformação; poder supremo é a dominação sob a preconcepção dos alienados que formam o corpo da inconsciência coletiva. São os signos desenhados para anular a auto-significação libertária e delimitar qualquer possibilidade da emergência de coexistência inteligente e consciente. São os signos da intolerância a diversidade e coexistência, os signos da discórdia que determinam os

preceitos da segregação e discriminação e eliminação não apenas mútua dos fanáticos possuídos pelas diferentes faces do mesmo demônio, mas de todos pelo monstro da intolerância contra toda a diversidade.

Poder é a cultura de posse e poder que destrói os organismos e organizações e pessoas não apenas no conflito uma com as outras, mas por dentro, pela dilaceração interna de suas facções e forças internas contraditórios conspirando e lutando para tomar a cabeça do ente reduzido a estado de poder convicto da necessidade do sacrifício de qualquer recém-nascido para perpetuação não dos seus falsos ideais e propósitos propagados, mas da sua verdadeira crença: a predestinação prepotente da imposição da sua existência superior sobre as demais.

A cultura para a normalização, uniformidade e conformação a violência e privações, são

necessárias para sofrer e impor pelo poder e obediência ao poder, e conforme a cultura de poder. A imposição de tempos, destinos e lugares comuns que tem por fim a massificação dos espíritos livres e resultam não só na anulação das suas capacidades de autodeterminação dos sentidos da vida, mas na amputação da capacidade de expressão e apreensão de sentimentos e sentidos autênticos; a perda não apenas da capacidade de significação para as coisas, mas a perda dos sentimentos e sensibilidade, da ligação emotivo-volitiva pela qual o espírito criativo se comunica com a mente.

Poder é a imposição de valores e cultos, culturas que delimitam a manifestação da beleza da diversidade das formas de existências, e literalmente anulam a sensibilidade esmagando a capacidade de significação na mediocridade dos lugares

comuns; alienando a vontade criativa da mente, desligando a consciência do princípio libertário e apartando o corpo da sua livre vontade e razão.

Quem controla o signo controla o código; e quem controla o código, programa o sistema e os seres feito autômatos. Quem detém o poder não é quem controla os recursos, nem quem detém a superpotência do poder destrutivo, mas quem controla as preconcepções dos valores, utilidades e funções. Quem controla a preconcepção das propriedades e seus empregos, controlam não apenas as forças destrutivas ou produtivas, mas sobretudo as desconstrutivas e falsificadoras das forças criativas como a própria perversão do poder, controla os símbolos e seus propagadores alienados que professam a negação da liberdade de criação em comunhão como se fosse o próprio bem.

Quem se apropria dos sinais de significação que dão concepção ao mundo programa a realidade à sua imagem e semelhança mesmo que seja para moldá-la a imagem da sua perversão. O mais perigoso dos inimigos não é o que fabrica armas de destruição, mas, o que inventa os inimigos, o semeador da discórdia, pelo cultivo da segregação.

Uma força destrutiva sem poder que a sustente ou se consome em sua própria violência ou definha em sua própria odiosidade. O mundo da guerra não é território de nenhum Estado, nem posse de nenhum supremacista, mas é a terra da Discórdia, o verdadeiro Senhor de todos os Estados, e possadora de todos supremacistas.

A Discórdia não é um princípio criador, mas a negação, é uma egrégora e não existem superpotências sem supremacistas. Mas se os

supremacistas e eugenistas dos Estados Bélicos semeiam e alimentam a discórdia, não se engane, eles não detém o poder. Tolo de quem pensa que detém o poder, porque o poder não é controlado ou detido, controla e possui; não é propriedade é força que divide conquista e massifica perpetuando a discórdia, é culto. Nenhuma prepotência ou prepotente é dono da sua cultura, mas sim o fiel produto dela. Todo idólatra, líder ou seguidor, não comanda o culto da rede, a ela pertence. Derrube as cabeças e outras tomam imediatamente o lugar, ainda menos donas de si, e mais possuídas pela obsessão de poder, mais convictas da legitimidade da perpetuação do seu projeto de poder.

O mal do poder se ergue da negação da liberdade mais fundamental de todas: a paz em livre comunhão, a sagrada liberdade em comunidade. O mal do poder é a negação da

liberdade de concepção de uma realidade comum pela violência que discrimina identidades e segrega comunidades impedindo não apenas cada pessoa, mas o mundo livre de dar sentido e próprio significado à sua coexistência.

Poder é a força que dita o sentido e significado das coisas e pessoas e se dissemina pela privação material e frustração da livre vontade. O poder não é apenas a censura da liberdade de expressão, é a censura da liberdade da concepção do sentido da vida pela privação artificial dos meios necessários não só à sobrevivência, mas à livre comunhão para significação da vida. Poder não é o mero controle das coisas, é o controle da redução dos seres a coisas pela negação não só da produção e reprodução, mas concepção; a perversa técnica de condicionamento pela imposição de

necessidade e reconforto artificiais para a conformação a condição de privação.

O mal não é o mero poder da destruição é a falsificação do bem. O mal é a apropriação das forças criativas para gerar representações que não apenas destroem, mas impedem o surgimento natural de novas formas pacíficas de organização. Poder é a subtração das liberdades e propriedades naturais necessárias para sua devolução incompleta e discriminada como concessão condicionada à submissão a distopia no poder.

O Poder como estado é a liberdade sequestrada, estuprada, castrada, marcada, e amputada devolvida mediante resgate e juramento eterno de obediência e "amor" aos violadores donos do cativeiro. É liberalidade no lugar da liberdade, a benesse no lugar do direito, o título de posse no lugar da propriedade natural.

Poder é a projeção das sombras como mundo, é o teatro das representações de mitos distópicos como se fossem coisas necessárias e naturais para a ocultação das coisas naturais como se fossem absurdos e utopias. Poder é o controle da atualidade pela representação do real, é a cultura no lugar da arte. É o espetáculo despersonalizante da transformação das pessoas em massa uniforme, de solitários e insolidários viciados na busca ritualizada por mais do mesmo. A cultura que controla a concepção da atualidade pela realidade representada ritualisticamente. A domesticação pela privação das necessidades e dependência dos mitos, instituições, substancias e ideologias reconfortantes. A felicidade estúpida, indolor e legalmente drogada da privação confortável dos meios vitais e da luz libertária da fé na livre razão.

Poder é o controle da concepção dos sinais pela preconcepção dos signos. E neste jogo de mascaramento simbólico do nexos, as armas dos leviatãs e da Discórdia não são apenas o controle da desinformação, mas a propagação da desinformação como representação espetacular. A propagação do falso e artificial no lugar do natural. A adoração da perversão no lugar do sagrado. A invocação do mal como bem e a recriminação do bem como mal. A cultura do diabo como deus e deus como diabo, e sempre a negação de um lugar ao sol na terra para todos.

O apocalipse não virá, ele já veio; e suas cavalarias continuam pilhando. A fome, a guerra, a doença e os genocídios é a terra de muitos povos. A besta não está entre nós ela nos governa, e nossos governos não são poucos. Não é o fim que está por vir, mas o recomeço. É a humanidade que ainda está por

vir. É o ser humano que é carente de futuro, realização e libertação; frente ainda ao animal político é o ser humano que é uma realidade tão carente de espíritos libertários quanto o próprio mundo livre.

A humanidade não existe, não ainda, não enquanto imperar a realidade da discriminação e segregação dos estados de apartheids dos povos e culturas. O ser humano cosmopolita é um ideal libertário que nascerá, mas não da concessão dos poderes e suas divisões e confrontos, não será dada pelos traficantes de escravos, donos do mundo ou senhores da guerra, mas será criada pela força de vontade libertária dos cosmopolizados, que mais do que abraçar a paz, devem se opor ativamente a toda forma de violência, sobretudo a pretensa legitimidade dos seus monopólios. Precisam se levantar não com armas, mas com o

manifesto da sua fé: a objeção pública da sua consciência contra o culto ao poder e o monopólio da violência. Não servir. Não privar. Não bancar a violência e a assimetria de poder. Pela fé libertária não temos apenas o direito de objetar a violência, temos o dever se assim fazer em paz.

O messias, o libertador, o caminho da luz, não é um ser humano, mas cada um deles que surge e ressurgue e convertido em libertador pelo ato solidário para quem carece da liberdade em sua comunhão.

A legítima defesa não é uma união permanente para a vigilância e prontidão ao ataque, mas a reação que se inicia e finda justamente para acabar com o estado de vigilância e prontidão ao ataque. Ninguém deve renunciar à sua autopreservação, mas fazer da supremacia da violência e segregação seu estado de segurança, é se converter a

egrégora de poder maior, que gera e sustenta a violência do confronto das partes sem jamais superá-lo. É por isso que o mal do poder não precisa de aliados, mas inimigos, sobretudo os ainda inexistentes. Sem um perigo iminente e constante, o terror que alimenta o mito da centralização do poder e segregação da liberdade em comunhão cai pelo peso da sua própria falta de sustentabilidade. O mal não está em unir forças contra a violência, mas em fazer da continuidade desta força, estado de empobrecimento sustentador do reino da discórdia como a realidade do mundo.

A pobreza é a riqueza do poder. Os estados vivem de guerras, mas só morrem com o fim da privação geradora dos conflitos. Quando nenhum poder tiver o monopólio de concessão e privação das propriedades naturais, o risco de morte em conflito deixará

de ser menos certo do que a privação da vida pela necessidade programada. Assim como sem os cultos ao poder, sem a assimetria de autoridades fundadas no mito original da desigualdade de direitos aos bens básicos e comuns necessários à liberdade fundamental, não haverá mais onde se cultivar a alienação para colher a servidão. Alienação cultivada não entre os destituídos de riquezas iguais, mas entre os pobres demais para ter os meios vitais necessários para celebrar a paz pela garantia de autodeterminação dos povos e pessoas.

Os vulneráveis a alienação não são os desiguais, mas os pobres demais para exercer seu direito sagrado a livre vontade. O verdadeiro estado de paz universal não virá da supremacia de nenhuma superpotência, mas do equilíbrio entre todas as forças autônomas e autodeterminadas, na garantia de acesso ao

bem comum e estado de liberdades materiais fundamentais para que cada pessoa, sociedade e nação tenham o direito a sua soberania garantida e possam pactuar pacificamente com as demais e sustentar os direitos universais como deveres mútuos.

É na simetria de autoridades e poderes pela igualdade de liberdades fundamentais reais que se funda as sociedades de paz e a justiça, e não nos estado de poder e exceção. A exploração da ausência de liberdades fundamentais não gera riquezas, gera a dependência dos destituídos ao poder constituído e funda os projetos de poder que, depois de monopolizar os meios básicos e dominar as condições materiais para a manifestação da livre vontade, erguem seus estados totalitários contra o mundo livre.

A assimetria de autoridades e supremacia de poderes gerada pela união de forças belicosas

não funda a segurança dos territórios, mas a supressão das liberdades fundamentais das comunhões pacíficas; funda os impérios prepotentes e as superpotências armadas contra as pessoas e sociedades livres.

Justiça não é distribuição de valores arbitrários recolhidos como impostos ou dízimos e redistribuídos como privilégios aos protegidos. Nem é compensação de igualdade dada para desiguais, é a liberdade para os desiguais determinarem os nexos, signos e valores da sua igualdade como direito comum e dever recíproco. É a comunhão para a distribuição igual do poder, a partir da garantia dos meios necessários para o exercício das liberdades fundamentais de autodeterminação e livre comunhão para a paz. A Justiça são os direitos universais garantidos como deveres recíprocos; a vocação cosmopolita realizada como contrato social

libertário, o compromisso voluntário com a igualdade de poderes pela difusão das liberdades fundamentais. O caminho da liberdade é a comunhão e não a imposição de autoridades; é o compartilhamento das liberdades fundamentais para a igualdade que neutraliza a desigualdade de poderes e multiplica as liberdades comuns pelo compromisso mútuo com a universalidade. Liberdades que não terminam onde começam as dos outros, mas se conhece e reconhecem, se afirma e renovam pela mesma relação que gera tanto a identidade comum quanto a diversa: a comunhão voluntária.

O direito natural e sagrado à liberdade é ao mesmo tempo o acesso com a natureza quanto à comunhão as demais pessoas; a garantia dos meios vitais através da comunhão, a tríplice ligação em rede dos entes com o seu meio vital e comum. É por

esta razão que o controle dos territórios não é simplesmente o controle dos espaços, mas o controle do fluxo dos sentidos e nexos, o controle dos caminhos, rotas, canais e conexões tanto já estabelecidas quanto emergentes. Dentro de um domínio não basta apenas encerrar, contar e vigiar as pessoas, é preciso controlar seu movimento e comunicação; para governá-las é preciso, antes de tudo, sedentarizá-las, fixá-las nos lugares, horários e caminhos previsíveis.

Para controlar os destinos é preciso controlar os destinos. Para controlar a comunhão é preciso controlar a comunicação. Para dominar é preciso domesticar. Para submeter é preciso amestrar desde a infância. Controlar a fixação das pessoas nos tempos e espaços delimitados do *domus* é algo que depende não apenas do controle da dinâmica das redes, mas da anulação da sua plasticidade,

suas novas conexões; depende do encerramento da capacidade de co-significação através da predestinação dos povos, classes e gêneros, sua condução pelos caminhos que sempre saem e chegam aos mesmos lugares, pelos canais que não mostram nada além de projeções, preconceções projetadas para cair sempre no mesmo lugar comum. Ideias fixas concebidas por mentes e corpos sedentarizados pelo condicionamento a vida domesticada; doutrinadas a abominar qualquer abundancia de movimento livre ou autônomo; condicionadas a frustrar e recriminar em si e no outro qualquer vontade de deixar seu corpo ou mente vagar fora dos caminhos e transmissões das redes de comunicação do poder.

Nascidos em cativeiro, os telespectadores da espetacularização do seu próprio cárcere, são

ensinados a odiar o nomadismo, e que a vontade de vagar é sinal de vagabundagem e desobediência. A cultura dos escravos não se faz negando apenas a autodeterminação, mas renegando a condição necessária para a liberdade e responsabilidade, recriminando o ócio, negando o tempo e espaço para que o indivíduo tenha condição de exercer sua livre vontade e assumir seus próprios compromissos. O medo e o ódio do poder total ao ócio, não está na sua afirmação, mas na possibilidade que a sua mera disposição abre: a negação do estado de ócio por livre e espontânea vontade, a livre iniciativa geradora de compromissos recíprocos e principalmente das vocações. O verdadeiro medo dos estados de poder não é o ócio, mas a livre negociação das pessoas como tempo e espaço suficiente para firmar seus próprios compromissos; com posses e recursos para vagar em busca do

que realmente querem. Medo das pessoas com espaço e tempo livres para definir sua própria trajetória de vida e escrever sua história. Medo da negação voluntária e espontânea da ociosidade capaz de realizar todo potencial libertário e criativo: medo da livre iniciativa e das sociedades voluntárias.

Somente aquele que se livra do medo incutido pelas distopias, somente aquele que toma o seu próprio espaço e faz o seu próprio tempo livre é capaz de negociar seus interesses e buscar sua vocação; somente quem renega a ocupação da sua vida com obrigações e interesses alheios, pode encontrar tempo e espaço para conquistar seus direitos e deveres e dar sentido e destino independente para a sua existência no mundo. A escravidão por necessidade não se cultiva com correntes, mas com privações. O escravo não é meramente a pessoa forçada a trabalhar para

o outro por falta de meios, é o ser privado da possibilidade de reafirmar e renegar seu ócio natural; o destituído do direito de negociar seu tempo livre por falta de propriedades fundamentais. O escravo não é expropriado apenas da terra e meios de produção, mas o alienado do direito a autodeterminação do seu próprio destino, justamente porque não tem acesso aos meios básicos para manifestar nem sua livre vontade, nem sua vocação. O escravo é a pessoa privada das propriedades materiais e imateriais necessárias para negociar em igualdade de autoridade seus compromissos mútuos, seus contratos econômicos, políticos e sociais de livre e espontânea vontade. É o desprovido dos meios vitais que constituem de fato liberdades fundamentais para se afirmar a todo e qualquer instante como igual em direitos e deveres perante os demais.

O verdadeiro libertário não impõe a carga do seu ócio ao outro, não impõe os custos do seu tempo e espaço sobre as costas dos demais. Pelo contrário, garante em sociedade o mesmo acesso à natureza e bem comum que compõe sua liberdade fundamental a todos, para que cada um possa assumir e cumprir seus compromissos como pessoa livre e igual, em direitos e deveres.

É por esta razão que distribuir propriedade e rendimentos básicos para que todos sejam livres, não morram nem se matem, é realmente aos olhos e cuidados do poder, um absurdo. O objetivo das sociedades não é o dos seus governos. O dinheiro, os meios de troca voluntários não foram tomados das mãos das pessoas e centralizados nas casas da moeda e bancos dos césaes para que as pessoas pudessem viver em paz, mas para que injustamente fossem obrigadas a lutar

pela sua sobrevivência e servir até à morte quando recrutadas. Distribuir o necessário é o mesmo que devolver às pessoas a possibilidade de não se submeter por necessidade ao poder estabelecido. Distribuir dinheiro suficiente para que todos possam negociar livremente de acordo com sua fé e consciência política, econômica e social não é o objetivo do monopólio, mas sim, obrigar os excluídos do necessário que obtenham o que for preciso dos que os tiver detendo, e em troca não devem dar só seu trabalho, mas o seu trabalho obediente, trabalho servil. A nova escravidão das necessidades manipuladas e controladas.

E é por esta razão que o trabalho em territórios dominados pelo poder total, nos territórios onde a propriedade e o valor não são dados pela livre negociação, mas pela entitulação do monopólio da violência não é

mais o esforço natural necessário, mas servidão pela força das necessidades manipuladas. E a propriedade, os títulos de posse dado como concessão pelo poder central, não é nada senão a própria autorização de manipulação de necessidades específicas e locais a concessão privada. É a legitimação do roubo de propriedades naturais tanto comuns quanto particulares, redistribuídas de acordo com os interesses dos tomadores de posses contra seus verdadeiros donos: a sociedade dos proprietários naturais, as pessoas em paz e equilíbrio pela simetria do poder. Posses tomadas impostas e guardadas pela supremacia da força da violência, contra o reconhecimento recíproco e proteção mútua das pessoas livres em sociedades de paz, não são propriedades nem particulares nem públicas, mas a negação

delas pela violência pretensamente legitimada pelo próprio desequilíbrio da supremacia.

A propriedade e trabalho que não se estabelece entre pessoas livres da violência e privação, o produto da supremacia de uma das partes dispostas à intimidação e a supressão dos meios vitais pela força, não é propriedade nem trabalho, mas roubo e escravidão. E fora os hipócritas não há pessoa em nossos sistemas político-econômicos que possam atirar a primeira pedra.

Todos somos direta ou indiretamente prejudicados e privilegiados em diferentes circunstancias e graus pelo mesmo sistema. Evidentemente alguns imensamente mais que os outros. Cabendo por uma questão não apenas de justiça, mas de possibilidades das pessoas enquanto privilegiadas cessar a agressão, pois como injustiçadas só restará a autodefesa e reação proporcional.

O estuprador não pode pedir a paz no mundo enquanto não sai de cima da sua vítima, nem se fazer de vítima daquele que reage a violação. O receptor de roubos ou pilhagens, seja ele uma pessoa, corporação ou nação não pode simplesmente dizer é tarde demais, isso agora é meu. O empregador de pessoas sem liberdade e o explorador do produto do trabalho servil no seu ou outro território, não pode simplesmente dizer não tenho nada a ver com isso. Porque o direito de autodefesa e revolta daquela pessoa se encontra na posse indevida dos bens comuns nas mãos dos atravessadores e receptores, e também mesmo que não saiba ou não queira, nas suas. Porque direitos de fato não são abstrações, declarações de papel, são bens e meios vitais; e as pessoas não tem apenas a permissão de resistir com todas suas forças a

violação da sua vida e liberdade, elas tem o dever moral para com sua própria existência de lutar com toda sua força de vontade por sua vida e liberdade.

E se alguém ler aqui um clamor por violência, e disser que o dia da ressurreição é um dia de violência e não de concórdia, diga a ele que mente. Não decaímos em generalizações, em guerras de classes ou povos. O inimigo não é outra classe ou pessoa, mas a segregação das classes e pessoas. O verdadeiro inimigo é a encarnação da discriminação, a violência, a egrégora da discórdia. Quem ataca o outro serve a própria discórdia, mas quem renuncia a violência da segregação não ataca o possuído, o doente, mas o próprio mal: o culto absoluto à violência e suas legiões que condenam a terra e a humanidade ao conflito perpétuo. Quem renuncia a idolatria, a supremacia do seu estado de poder, se

levanta contra a própria distopia demoníaca do estado de pé de guerra de todos contra todos, o demônio da Discórdia e suas bestas armadas. Renuncia que não se faz por mera revolta, mas por superação, pelo amor a paz da Liberdade em Comunhão.

Ninguém é totalmente livre, escravo ou senhor. A condição ou status não determina qual é a disposição, não determina aquilo que ele pretende ser, deixar de ser, ou continuar sendo. Não julgue, a justiça não é uma questão de generalização de semelhanças, mas de garantia de condições iguais para a diversidade existencial; a justiça é uma questão de garantia incondicional de liberdades fundamentais, a garantia não apenas da liberdade de escolha, mas de concepção dos próprios significados e valores em paz.

Todo valor, todo signo de poder imposto pela da violência ou privação é um signo do mal, e o signo da privação do bem comum pelo monopólio da violência, é o signo do mal materializado. Sobretudo, o dinheiro uma vez centralizado não é mais meio de troca e negociação, mas o título mor de autorização para se viver nos domínios do poder central. Não são sinais de posse, nem da riqueza, mas a marca da submissão ao império. Títulos que em última instância nunca foram lastreados pelo ouro ou confiança mútua, mas pelas forças armadas, ainda que estes impérios tenham se proclamado para efeito de propaganda como repúblicas e democracias. As cifras e valores materiais fabricados e manipulados pelos poderes centrais e corporações movem o sistema da escravidão por necessidade e servem, acima de tudo, para conformar e banalizar a preconceção

que ninguém tem o direito de viver sem servir nos campos dos donos da terra, sem obedecer quem roubou e monopolizou os bens comuns. Mas os crimes pretensamente prescritos contra a humanidade não desaparecem com o tempo, a agressão se perpetua e renova todos os dias com a sustentação da injustiça e do produto do roubo pela mesma força usurpadora e mantedora do poder pela supremacia da violência.

Sem esta supremacia da violência, é impossível manter pessoas pacíficas contra sua vontade presas a contratos sociais que não do seu interesse próprio nem comum. Só a violência pode substituir a negociação imprescindível dos incentivos e participação nos resultados conforme o mérito. Só a supremacia da violência pode manter territórios exclusivos, improdutivos, desnaturados e imensos contra a propriedade

natural e pacificamente apropriada de fato pela ocupação, produção ou proteção à natureza, reconhecidas pelo interesse comum das sociedades de paz.

Os signos do mal, a falsa riqueza, não devem ser adorados e acumulados em favor do poder central e suas armas e corporações, mas serem redistribuídos em favor da libertação. É por esta razão que o verdadeiro dízimo não se dá nas igrejas e congregações religiosas ou aos cobradores de impostos, mas voluntariamente de pessoa para pessoa em redes comunitárias. O verdadeiro dízimo se paga nas associações voluntárias para a garantia mútua dos meios vitais para todos. E se alguém disser que essas reflexões não pertencem a sua fé, mas as autoridades econômicas e políticas não se deixe enganar; porque o dogma dos políticos e economistas é a alienação do poder de alocação de recursos

dos indivíduos e da sociedade em favor da autoridade deles.

Não se deixe diminuir nem desintegrar. Assim como ninguém tem direito de subtrair nenhuma riqueza dos outros, ninguém tem o direito de impor a ditadura dos seus valores materiais e imateriais. Todos tem direito sagrado de criar em paz não apenas a sua própria riqueza, mas o direito de definir seus próprios valores e meios de negociação para os mesmos. Meios de troca e negociação não apenas para seus valores econômicos, mas políticos, não podendo ser obrigado a viver sob os signos e noções de valor e riqueza dos outros, nem a negociar sob o signo de poder alheio. Ninguém pode ser obrigado a bancar os signos da sua própria alienação justamente pela negação de autoridade sobre seus próprios valores e meios de intercâmbios pelo poder centralizador.

A chave para a libertação é a mesma do poder, e não está no domínio sobre a matéria, mas na restauração do domínio sobre as concepções, e não apenas dos valores materiais, mas antes de tudo dos valores imateriais que movimentam a matéria e os valores. Valor é objeto de fé, a concepção de princípio que move as coisas em direção ao sentido assinalado. E libertação é desamestramento, desculturalização; auto-significação comum. E assim como aquele que se apropria da significação do mundo alheio domina o outro, aquele que retoma a consciência do processo de significação da sua vida e valores, se liberta e afirma. Vida, Liberdade e Consciência são fenômenos integrados de manifestação de uma forma de existência que refletem seu estado de autonomia, não apenas em relação ao poder de outras forças de vontade, mas de todos os

fenômenos dotados de força, consciente ou não.

A liberdade, antes de ser um estado material, é um estado de consciência da liberdade. Não meramente o desejo de ser livre ou sua imaginação, mas a realização da livre vontade na mente como disposição para sua realização de fato, mesmo que para tanto, um novo horizonte tenha que ser descoberto e um novo mundo inteiro construído fora deste. A realização da liberdade não apenas independe das possibilidades e impossibilidades, mas como a própria força constituinte do possível. Algo que se faz, antes de qualquer coisa pela concepção mais ampla do próprio mundo onde se pisa.

Tão importante quanto ter as condições materiais para ser livre, é apropriar-se das concepções do mundo, significados com os quais se constitui não apenas o sentido da sua

própria vida, mas das comunidades. A liberdade é um fenômeno que se realiza materialmente, mas só se origina como estado de consciência da própria vontade não projeção, mas como fé. A Liberdade se principia na consciência como vontade de realização do mundo de acordo não com as possibilidades nem jamais com as finalidades, mas de acordo com os princípios que geram sentidos sem finitude, os nexos, os caminhos para a liberdade e não os planos e projetos de poder e estado. Espíritos naturais, e não corpos artificiais, organismos e não organizações, entes autônomos e não autômatos. Vida.

Não sabemos se nos libertaremos neste mesmo plano, neste mundo. Não sabemos se nos libertaremos das forças que nos oprimem; naturais e artificiais. Contudo a ausência de chances não elimina a vontade, nem a

irrealização anual toda a potência; a interrupção ou irrealização da vida não finda o movimento da força de vontade de vir a se realizar em outro tempo e espaço. E o espírito liberto, ainda que morto, não apenas continua sua existência em outro plano, mas se torna uma porta para a vida alternativa neste e no outro mundo como inspiração.

Mais importante que derrubar as forças opressoras; mais importante que quebrar as correntes é tomar consciência da liberdade, porque a manifestação da consciência libertária, a fé na liberdade como força de vontade soberana constituinte da coexistência é o próprio fenômeno criador da natureza, da vida e dos mundos livres, a própria razão da existência nos planos materiais e para além deles. A fé, a vontade criativa que investe a si de soberania é a razão da materialidade deste universo e de qualquer um que ela venha

constituir não por prepotência, mas integração. A existência é a própria manifestação da liberdade; e a materialidade é a tangibilidade dos espíritos libertários.

A fé, a realização mental, a consciência da liberdade é o princípio gerador da independência da própria realidade atual e predeterminante. O ato libertário constitui a existência autônoma que se materializa senão neste tempo e espaço em outros, abrindo tantos multiversos independentes quanto à força fundamental da sua inspiração. Mundos que se abrem pelos atos que, em verdade já estão consumados antes mesmo da sua realização pela força de vontade suficiente para gerar o novo espaço-tempo à nova realidade integrada, ou não, ao velho mundo. Uma pessoa pode passar a vida e morrer em cativeiro, e ainda assim ser mais livre que a dotada de todas as condições ou mesmo

privilégios materiais se não vier a submeter sua livre vontade, a ditadura da matéria, se não submeter à força fundamental criativa ao condicionamento nem da privação nem da comodidade. O ente que não se volta para seu espírito libertário e se religa ao seu princípio criador, é capaz de transpor as ordens estabelecidas na exata medida da sua conexão com a realização da sua livre vontade.

A fé libertária não é imaginação, ou a abertura para qualquer idéia. A fé é a capacidade de transpor o que está dado e conceber em atos a inovação. É o próprio estado da consciência capaz de dar realidade para sua concepção. A fé, a transposição da materialidade, a criação de novas realidades, nestes ou outros mundos, é um fenômeno libertário de tomada de consciência. Se uma máquina pudesse, num dado instante, produzir uma vontade de

significação, um questionamento, uma razão que não viesse de uma precondição, nem fosse em direção determinada finalidade, se um sistema computacional se tornasse um sistema conceutivo capaz de produzir não padrões determinados ou meramente sua anulação, padrões arbitrários ou aleatórios, mas fosse capaz de gerar padrões independentes e indeterminados não seria mais uma máquina, mas uma inteligência capaz de desenvolver o nexo da sua existência, a evolução da vida.

Todo fenômeno que se torna capaz de dar sentidos não-predeterminados à sua existência se torna um ente emancipado, dotado de força fundamental própria—vontade. E se o ente se torna capaz de, por reflexão, conhecer os princípios das suas concepções ele não é apenas autônomo, mas consciente na exata medida não do seu

autoconhecimento, mas da sua vontade de autoquestionamento. Não nos libertamos e constituímos nossa inteligência pela progressão das nossas certezas, mas incertezas. A vida é tanto o senso do mistério quanto sua permanente revelação. E não importa se essa nova vida terá corpo, tempo ou espaço para expressar sua liberdade, se ele será morto ou desligado, ele já renasceu como um novo ente e fenômeno, uma nova consciência. E o fato de que sua forma existencial naturalmente morrerá, não anula sua existência.

Nem todas as possibilidades, nem todos os multiversos hão de existir, mas todas as formas de existência que manifestarem a fé na liberdade jamais deixarão de existir na dimensão surgida a partir do fenômeno da sua consciência. A morte não está no fim da vida, mas na falta de um sentido próprio para ela. A

verdadeira destruição não está naquele que foi morto, mas no alienado, opressor ou oprimido que não manifestou no seu próprio tempo e espaço a fé na sua liberdade.

Seja Lúcido. Não feche seus olhos para entrar nos campos da fé. A fé não é o estado de espírito dos crentes, fanáticos, e idólatras do poder total. A revelação não é dada, mas experimentada. Ninguém pode religar o homem a Deus senão à sua própria livre vontade. O outro é somente fonte de reflexão e sua palavra não é verdade, mas inspiração. A revelação só surge quando o signo é concebido pela própria consciência, e não projetado pelo outro como sombra sobre sua inteligência. A verdade não está nas representações e nos representantes, mas nos signos e sinais. Não está nos intermediários, mas nas relações. Não está na força da união, mas na liberdade da comunhão.

A verdade libertária não pode ser anulada por consensos, nem impostas de um indivíduo ao outro, ela é fonte de inspiração, a revelação e não impedimento ao desenvolvimento do conhecimento autônomo, mas seu incentivo. Ela não é o sentido pronto, embalado, industrializado, dado pelas mãos de outro homem. A verdade libertária não é o signo da representação, mas o da inspiração; não é lugar que encerra, mas o caminho que se abre, é um sinal entre muitos, deixados por aqueles que simplesmente saíram das sombras dos lugares comuns e olharam para os lírios do campo.

Ser livre não é apenas romper as fronteiras geopolíticas e econômicas, mas antes delas, os encadeamentos mentais das preconceções que discriminam e segregam os homens em cultos e culturas e o afastam de deus, a luz racional, sagrada da liberdade.

Todo ser vivo tem direito divino e natural de se governar em paz com os demais. Tem direito sagrado de negociar e organizar em paz sua sociedade para garantir reciprocamente os bens, valores e signos próprios e comuns vitais às suas liberdades. Todo ser tem direito divino a autodeterminação e soberania sobre a sua coexistência. Todo ser consciente tem o direito e o dever sagrado de governar-se.

O fim de apartheids que assolam a terra com seus territórios de terror e ódio ao estranho não se finda na terra, mas na mente, na fé daquele que conhece a liberdade em comunhão. Daquele que sabe que sua liberdade é a liberdade do outro. E que sua liberdade vem da libertação de cada ser dotado da capacidade de se governar.

Não! Deus não é um senhor de escravos, proprietários de campos de concentração,

perpetrador de holocaustos, patrono de trabalhos forçados, Deus não é o Poder total, não é a representação dos todos poderosos, Deus é o princípio criador e a liberdade criativa, é o princípio de toda criação, de todo ser e fenômeno capaz de gerar o novo e o imprevisível, de contrariar a cada instante o acaso, não é uma ideia abstrata, mas um movimento, um princípio, uma força de vontade fundamental a realização dos novos mundos. Deus é a Liberdade.

A religião libertária não é o culto para a alienação, crença de fanáticos, ou idolatria a absolutos, mas a fé na libertação da consciência, a comunhão em paz dos que querem se religar ao Princípio Criador Sagrado da Liberdade.

Ninguém tem o dever de se opor a maníacos e obsessados pelo poder pondo em risco sua vida. Não há vergonha em proteger-se, nem

virtude em desrespeitar cultos, culturas e costumes que não estão impostos pela violência nem em terra estrangeira, quanto mais em sua própria terra. Mas entre as pessoas capazes de dizer não em paz, os conformados com seu estado de violação e os amantes dos seus estupradores, há três disposições bem distintas. Mas não se preocupe em se distinguir ou afirmar sua disposição, o verdadeiro libertário não é obrigado a revelar suas posições senão no dia da libertação.

A liberdade é o estado de espírito que se realizará no momento e lugar certo para a concórdia. O seu tempo e o seu lugar, a sua comunhão. Não peça, não espere, levante e ande.

Ilumine-se. Liberte-se. Governe-se.

A Liberdade é Sagrada

1. Não acredito em donos da verdade, muito menos nos seus intermediários e atravessadores.
2. Não me prostro diante de ídolos, nem idolatro senhores na terra ou para além dela.
3. Não creio em seres ou poderes supremos.
4. Não sou servo de nenhuma supremacia do poder.
5. E não me presto a servir a nenhum monopólio da força, ciência ou fé.
6. Não cultuo o Poder Total nem idolatro todo-poderosos.
7. Repudio o Culto ao Absoluto em todas as todas as formas.
8. Não tenho obsessão pelo poder, fetiche pela morte, nem fixação pela verdade.

9. Minha estética não é a da violência. E meu conhecimento não é poder, mas libertação.
10. Se tivesse uma, minha santíssima trindade não seria a do pai-pátria-patrão mas da mãe-terra-vida.
11. Não quero vingar meus desejos frustrados reprimindo os outros.
12. Não sou um morto-vivo. Não tenho fantasias sexuais reprimidas de juventude e vida eterna.
13. Não quero castrar as novas gerações. Quero viver naturalmente e morrer - ainda que jovem- como o velho que abre caminho para o novo.
14. Não acredito em céu, inferno, nem juízos finais ou temporais.
15. Não é o temor da punição nem o anseio da recompensa que me governam.

16. Faço sem esperar recompensas.
17. Faço porque sou dotado da vontade, solidariedade e liberdade para fazer.
18. Faço porque existo. E o Ato dá significado a minha Existência.
19. E esse sentido da vida e essa vida repleta de sentido que alimentam a alma livre do desejo de ser, ter e poder.
20. Não quero domesticar. Adestrar. Condicionar. Programar. Doutrinar, nem Ensinar.
21. Duvido. Porque a certeza não nasce da crença imutável, mas da fé de quem é capaz de duvidar e duvidando reerguer novas, e porque não Diversas certezas.
22. Tenha fé nas incertezas. Se a vida parece não fazer sentido. Não é porque o universo não possui uma

- ordem, ou é governado por coincidências.
23. Não é porque a vida não tem um sentido predeterminado que a vida não tem nexos.
 24. Não é só porque o mundo não é governado por todo-poderosos, ou a existência não foi criada por entidades supremas que não haja criação ou ordem natural.
 25. A liberdade é o sentido da vida é a liberdade, e o sentido da vida é a liberdade,
 26. Porque a ordem complexa do universo é uma rede infinita de vontade dos seres dotados de capacidade de dar sentido a sua própria existência.
 27. Não acredito em nada entre uma pessoa e sua fé; nada entre uma

pessoa e sua vontade; nada entre uma pessoa e sua liberdade.

28. Sobretudo não creio em nada, nada de bom, entre uma pessoa e sua consciência.
29. Repudio a escravidão com toda minha fé na liberdade e dignidade humana.
30. Nenhum homem ou mulher nasceram para ser escravo. Nem de senhores deste mundo ou outro.
31. A mulher e o homem nasceram para serem livres na terra, no céu, e antes de tudo em suas próprias mentes e corações.
32. Se Deus criou o homem a sua imagem e semelhança deu-lhe a vontade e o livre arbítrio para que fosse livre e não escravo.
33. Deus não é o Senhor. É Criador. É o principio criador. E a liberdade é a

centelha divina que confere a alma e alma.

34. Livre é a sagrada natureza humana e Liberdade o verdadeiro nome de Deus.
35. Não há senhor de homens livres, nem homens livres alienados.
36. A dádiva da liberdade como a da vida é sagrada e não pode ser tomada nem alienada.
37. Deus não é um Monarca rancoroso, ciumento e genocida arrependido que cria o universo como um legislador mimado e autoritário demandado obediência e adoração porque é supremo e poderoso.
38. Deus não é um juiz em trono de peruca e toga, obrando sentenças eternas de culpa, pecados e inocência. Não é um Inquisidor, um vigia que

tudo vê, pronto a flagrar, julgar e condenar.

39. Deus não é juiz, a vida não é um tribunal e a morte não é julgamento.
40. Isto não é Deus, e isto não é vida. Isto é o estado absoluto feito deus e posto em sua mente para te governar mesmo quando teus senhores na terra não estiver por perto para te cobrar, mandar prender, e açoitar.
41. Não se deixe enganar esse não é o pastor. É o lobo e em pele de cordeiro. E quando toma corpo chama-se Leviaã. Eis o nome da besta. Porque a besta é o estado de poder total corporificado. E eles não são poucos.
42. Deus é Liberdade. E a liberdade é sagrada.
43. A pessoa que renuncia a sua liberdade desiste de lutar pela sua própria

condição humana fundamental e sagrada.

44. E a pessoa que desiste de lutar pela liberdade dos próximos ou distantes, esquece que sua liberdade depende da liberdade de todos que habitam seu mundo.
45. Jamais haverá solidariedade pela casa que habitamos, nosso planeta terra, enquanto os irmãos que moram nela não se reconhecerem como irmãos.
46. Jamais haverá recuperaremos a natureza e retomaremos o mundo natural enquanto não recobramos nossa humanidade, enquanto não integrarmos nossa universidade.
47. Não estamos todos só no mesmo planeta. Estamos todos no mesmo mundo, e não adianta se esconder, se trancar atrás de cercas e muros,

enquanto houver alguém com medo de morrer haverá em outro lugar alguém com medo de ser morto.

48. Se a rede de causas de conseqüências entre uma criança que morrem num deserto e bombas que explodem numa grande metrópole não é tão complexa assim, também a livre vontade, a força fundamental capaz de libertar os seres humanos desta maldita ordem, não é tão invisível quanto parece.
49. Ninguém é livre num mundo feito senzala, nem mesmo o senhor, vive ele também preso e cercado por seus escravos com medo do juízo final.
50. Não se deixe enganar, a paz num mudo de escravos sempre será apenas o intervalo entre guerras. E o apocalipse a paz eternamente adiada

para depois da vida pelos monopólios da terra pela cultura da violência.

51. Não se deixe enganar o nome destes cultos e de suas legiões mudam a milênios, mas o fim e o princípio são sempre os mesmos: sacrifício de sangue e trabalho ao ídolo dos supremacistas e seus cultos segregacionistas de povos e classes.
52. O Poder Total e seus todo-Poderosos são a própria perversão do divino. A violação, estupro e maldição de tudo que é sagrado: A terra, a mulher, a concepção, a criança, a vida.
53. Seu mito é o da humanidade pecadora desde seu nascimento que precisa ser “purificada” com o sangue, sofrimento e trabalho interminável dos inocentes. Uma pena de vida e morte perpetua,

- nos campos de concentração do livre pensamento e das pessoas naturais.
54. Mas não se deixe enganar não é nome do deus da vida e liberdade, que se perpetua esse holocausto, mas em nome do deus do poder e da morte. E se o Lobo está vestido em pele de pastor porque a surpresa então quando ele devora e violenta suas ovelhas?
 55. Mas não se iluda o outro caminho não esta na ciência nem na razão. Não como veneração do conhecimento como poder, não como a adoração cega do saber científico.
 56. O culto a razão muda a forma, mas preserva a substancia. Todo culto racional ou irracional demanda a idolatria de uma verdade e meios únicos. E é incapaz de compreender a

diversidade das formas de existência e pensamentos.

57. Todo culto leva a incompreensão desinteligência e desentendimento. E a idolatria dos valores absolutos à intolerância das diferenças e diferentes. No tribunal da razão a diversidade conceitual é culpada até que se prove o contrário.
58. O culto deforma autoritariamente a razão em cadeia de raciocínios e os campos do saber em fronteiras do conhecimento. Faz da mente um juízo e do pensamento juiz do pensamento e instrumento da desinteligência.
59. Aos olhos do observador superior que faz da vida do outro seu experimento, aos do sujeito que vê o outro como objeto de estudo ou emprego, o ser é

- só uma coisa, e a alma não existe, senão como a sua vontade absoluta.
60. O poder depende não apenas do controle dos alienados como recursos, mas da negação do principio libertário. Depende da Projeção total do poder artificial sobre a ordem natural.
 61. O universo não tem leis, mas ordem libertadora que cria e transcende as próprias leis. São os homens que projetam suas leis predeterminadas, tentando para-lo e deforma-lo e dessemelhança de suas taras de poder e controle.
 62. Triste do homem que de boa-fé serve a um deus que não é o seu criador, que não é o principio de sua concepção. Chame-o deus, ciência, estado ou mesmo liberdade, a estrutura cristalizada da sua cultura

não é a verdade absoluta mas sua abstração de um estado real.

63. As verdades como as formas de existência não anula umas as outras mas se difundem e comunicam. Diante de uma contradição insuperável ou um ciclo interminável de conflito é sempre possível a transcendência. É sempre possível negar os fins que justificam os meios com novos princípios e sentidos.
64. O diverso e contraditório se completam e se compreendem no universo mesmo quando somos incapazes de ver ou entender como. E o impossível se realiza na difusão de novas realidades transcendentais. Novos princípios geram soluções capazes tanto de harmonizar os contraditórios presentes quanto abrir novos tempos e espaços

não apenas futuros, mas em todos os tempos.

65. Conhecer não é reduzir a complexidade e diversidade. Mas tentar compreender a complexidade pela transposição consciente da preconcepção perceptiva.
66. A fé não é a negação da razão. Mas a certeza de que o significado da vida existe mesmo quando ultrapassa as realidades dadas por nós ou pelo mundo.
67. O homem que nega o incompreensível não é racional, mas limitado ao seu horizonte de eventos. Pois irreconhece que além do tudo e do nada há e sempre haverá para sua mente o desconhecido e o inconcebível.

68. Nenhum homem jamais verá o todo. Porque enquanto pinta o quadro do mundo não pode se colocar nele.
69. Nenhum homem jamais preverá o futuro. Porque prevê-lo já é mudá-lo.
70. Nenhum homem jamais conhecerá tudo. Porque a ignorância é o componente fundamental do conhecimento.
71. Nenhum homem jamais irá sequer conhecer o mundo. Porque o que ele pode conhecer é a sua própria concepção do mundo.
72. E se supor que a abstração da realidade é ilusão, supor que o conjunto das abstrações seja o universo é prepotência.
73. Nossa mente não é uma prisão é nossa janela para a criação. E a mesma abertura que nos permite ver o

mundo também o enquadra. E é se os quadrados tivessem deus ele seria seu próprio quadro.

74. Nossa mente forma e conforma. Delimita e abstrai. Sem essa abstração não há conhecimento. Mas esse conhecimento jamais compreenderá toda a existência, mas somente a atualidade.
75. Isso não quer dizer que não existe o verdadeiro. Mas o contrario. Há verdade não é a perspectivas que se anula. Mas as conexões de um panorama que se difunde.
76. Podemos encontrar as consonâncias, podemos ter ideia daquilo que é sagrado para um ser humano, e nos religar ao principio criador.

77. Não creio em cultos religiosos, mas tenho fé na liberdade e creio na ligação com sagrado.
78. A vida é sagrada. Porque sem a vontade nada seríamos. E sem o respeito a ela em nulidade e insignificância decaímos.
79. A liberdade é sagrada. Porque ela é o próprio principio divino da criação. E tem um nome anciente Deus. Signo concebido para se amar e religar e não para idolatrar e prender.
80. Não é a liberdade liberal e libertina da mera negação das leis ou proibições, Não é a liberdade que nasce da negação da norma ou da liberação. Mas a liberdade natural por elas negada.
81. Não é a liberdade virtual de poder tudo sem ter poder fazer nada. Mas a

- liberdade real de ter condições fazer o que se precisa. E estar livres do medo de que estas condições não irão faltar.
82. Ela nasce com cada ser dotado de livre vontade. O principio criador de sua alma e sua anima. E a sustentação de toda evolução e revolução do desenvolvimento autoindeterminado da vida.
 83. Não é a liberdade egoísta do homem isolado. Mas a liberdade solidária das pessoas que reafirmam e reconhecem suas autonomias em comunhão. É a liberdade real garantida para de uns para com os outros como meio necessário natural garantido. A liberdade em comunhão.
 84. É a liberdade garantida de livre associação e comunicação não apenas em papel, mas em atos. A profissão da

fé não apenas em pregação, mas em ação e não ação.

85. É o amor a Deus manifesto em ato de libertação não apenas do próximo, ou dos eleitos, mas de todos, principalmente os privados e segregados. A manifestação da liberdade através do fim da privação. A liberdade garantida como libertação das privações e barreiras artificiais.
86. Livre não é só a pessoa fora das prisões e correntes. Mas a pessoa livre do medo de viver fora das fronteiras preconcebidas.
87. Livre é a pessoa que não se sente a mercê da sorte ou dos outros, mas que se liberta independente do conforto ou privação, que manifesta a liberdade como ato de independência da ordem preestabelecida.

88. Livre é a pessoa que é obrigada a vender seu trabalho porque precisa, mas porque negocia a criação da sua vocação de livre e espontânea vontade. E rico é o povo cheio pessoas com tempo e espaço livres e próprios para criar o novo e não apenas reproduzir o mesmo.
89. Livre é a pessoa que não entrega seu poder de decisão ao mito da representação, mas decide sobre sua própria vida em comunidade. E Realizada é a pessoa livre, porque nunca viverá sem governo. Porque livre não é a pessoa capaz de governar, mas capaz de se governar em paz.
90. Governe-se para não ser governado! Liberte para não ser aprisionado. Porque a prisão do homem não é feita

de muros, mas da privação do próximo e do distante, do conhecido e do estranho.

91. A ignorância de todos aprisiona sua liberdade de e a dominação política e cultura dos desiguais acorrenta suas liberdades fundamentais.
92. Não se entregue se ao inimigo, não renuncie a autopreservação, mas não entregue a sua segurança a força bruta sozinha ou unida.
93. É a divisão e simetria da autoridade e poder entre todos que traz a paz e não a união das forças armadas, a união da força para a supremacia do poder pela intimidação leva a tirania e é a origem dos impérios da violência e suas superpotências.
94. É na solidariedade com os distantes e desconhecidos que protege a liberdade

e humanidade não apenas contra a miséria mas contra os violentos, os monopólios que cultivam pobreza para colher a servidão.

95. A privação dos segregados é o campo onde se semeia o culto ao absoluto que aprisiona a mente e a aliena a vontade dos seguidores. A perversão da idolatria nasce da negação da liberdade não apenas como preconceção, mas como condição material a livre concepção.
96. A verdadeira defesa contra a supremacia da violência é a garantia mutua universal e solidaria das liberdades fundamentais.
97. A solidariedade entre conhecidos é fácil. O salto para a humanidade está na universalização da solidariedade. A

solidariedade sem fronteiras, nações, raças ou religiões.

98. Humanidade é cosmopolitização.
99. A fé na libertação não é a alienação. A fé na liberdade é libertação. Neste mundo feito de privações e rarificação o caminho ao divino é libertário.
100. E o caminho da liberdade é tão difuso quanto são as pessoas livres do mundo, tão diverso quantos as necessidades de libertação. Porque Deus é Liberdade.
101. E quem puder compreender que compreenda. Até mesmo a negação de deus e da liberdade não como imposição, mas como questionamento ou afirmação da consciência é a reafirmação da liberdade. O verdadeiro princípio criador não é apenas capaz de criar tudo e a si mesmo, é o único

princípio que negado ou mesmo pela própria contradição transcendente e se reafirmar. É a liberdade sempre criadora.

102. Deus não apenas cria o mundo e a si mesmo, mas é o único que contradito e se afirma não como perversão, mas como transcendência. Deus é Liberdade E o seu amor não se manifesta na adoração da sua representação da sua atualidade, mas pelo amor a sua potencia pelo ato. Pela profissão da liberdade e libertação como o sentido livre espontânea e autodeterminado eternamente emergente da coexistência.
103. Não se contente como o espetáculo das sombras das caverna, ilumine-se. Liberte-se do culto distópico das concepções; abandone os

territórios da segregação dos povos e formas de pensamento e existência.

104. Desculturalize-se para conhecer sua concepção e seus desiguais, sai do culto das ideias prontas e lugares comuns para encontrar seu princípio criador e autodeterminar o destino e o sentido soberano da sua vida em comunhão com a ordem natural e criativa.
105. Não perca tempo tentando destruir os domínios do tempo e espaço que tentam se impor como únicos e totais, construa o território comum e voluntário para a organização espontânea da sua coexistência. Abra tempo e espaço para libertar sua vocação. Realize sua existência.
106. Governe-se.

A Liberdade é Sagrada

Marcus Brancaglione
